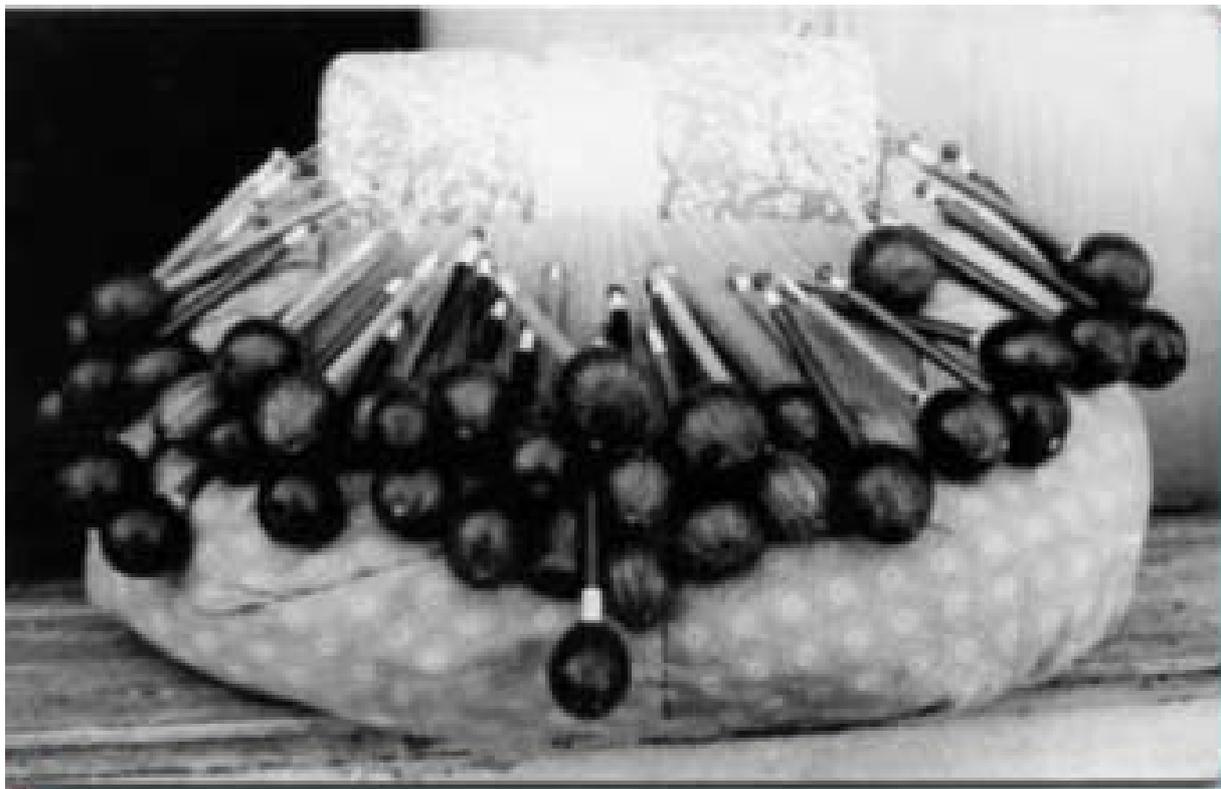


AS GUARDIÃS DA RENDA



**Rendeiras de Bilro
no Estado do Rio de Janeiro**

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

**Projeto de Digitalização do Acervo da Divisão de Folclore
desenvolvido pelo Departamento de Apoio a Projetos de
Preservação Cultural**

Rendeiras de Bilro no Estado do Rio de Janeiro

Pesquisa realizada pela Divisão de Folclore em 1978

Pesquisa e redação

Amélia Zaluar
Celia Regina Moreira Pimentel

Desenhos

Tadeu Baumann Burgos

Coordenação Geral

Cáscia Frade

Fotografias

Amélia Zaluar
Acervo Inepac

Pesquisa digitalizada em agosto de 2004

Coordenação

Augusto Vargas

Projeto gráfico

Augusto Vargas
Danielli Moraes
Marilda Campos

Revisão do texto

Marilda Campos

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rosinha Garotinho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Arnaldo Niskier

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL - INEPAC

Marcus Monteiro

DEPARTAMENTO DE APOIO A PROJETOS DE PRESERVAÇÃO CULTURAL

Augusto Vargas

DIVISÃO DE FOLCLORE

Delzimar Coutinho

2004

SUMÁRIO

- 1. Introdução**
 - 2. Origem das rendas**
 - 3. Almofadas**
 - 4. Bilros**
 - 5. Fios**
 - 6. Piques**
 - 7. Alfinetes**
 - 8. Rendas**
 - 9. Como se faz a renda**
 - 10. Rendeiras**
 - 11. Comercialização**
 - 12. Folclore das rendas**
 - 13. Conclusão**
- Dados biográficos de rendeiras**
Dados biográficos de artesãos de bilros
Glossário
Bibliografia

*“Moça que tá na janela
Botando renda pra fora
Moça mostra o corpinho
Que renda não se namora.”*
(Verso de rendeira, Cabo Frio)

1. INTRODUÇÃO

A renda de bilros é, sem dúvida, uma das mais antigas e mais ricas manifestações da arte do nosso povo. É feita quase sempre por mulheres de condição humilde que aplicam sua habilidade, destreza e criatividade numa arte a que são levadas por verdadeira devoção.

As primeiras almofadas entraram no Brasil trazidas por mulheres portuguesas que, com suas famílias, deixavam sua terra natal em busca de uma vida melhor no novo continente. Entrava com elas toda uma herança cultural acumulada em séculos de trabalho. Vinham as rendeiras de regiões litorâneas de Portugal - Estremadura, Minho, Algarve e Alentejo - onde tradicionalmente os homens são pescadores e as mulheres fazem renda.

Pode-se encontrar atualmente o artesanato de rendas na Região Norte (Pará); no Nordeste (Alagoas, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia); no Sudeste (Rio de Janeiro) e no Sul (Santa Catarina).

Os dados mostrados neste relatório foram coletados em alguns municípios do Estado do Rio de Janeiro: Bom Jesus do Itabapoana, Cabo Frio, Campos, Itaperuna, Laje do Muriaé, Porciúncula, São Gonçalo São João da Barra, Saquarema e Valença.

Nos municípios de Bom Jesus do Itabapoana, Itaperuna e São João da Barra, não mais existe o artesanato das rendas. Em São Gonçalo, constatou-se a



existência de quatro rendeiras, todas, porém, vindas de outras localidades onde aprenderam a técnica.

Dos dez municípios visitados, quatro são litorâneos e, portanto, zonas de pesca, de redes: Cabo Frio, Campos, São João da Barra e Saquarema. Os demais são municípios interioranos: Bom Jesus do Itabapoana, Itaperuna, Laje do Muriaé, Porciúncula, São Gonçalo e Valença.

No município de Cabo Frio foram visitados o distrito de Arraial do Cabo e a sede.

Em Campos, os distritos de Goitacazes, Guarus, Farol de São Tomé, Marrecas, Poço Gordo, São Sebastião e Saturnino Braga, todos localizados na Baixada Campista.

O maior número de rendeiras foi registrado no distrito de Arraial do Cabo e nos diversos distritos de Campos.

Do município de Valença foi visitado o distrito de Conservatória.

Foram entrevistadas 48 rendeiras, assim localizadas: 23 em Cabo Frio, 11 em Campos, 5 em Laje do Muriaé, 4 em Saquarema, 2 em São Gonçalo, 2 em Porciúncula e 1 em Valença.

Dentre as rendeiras ouvidas, trabalham ainda 33. As outras abandonaram o ofício por causa da velhice, de doença e do desinteresse geral.

Foram localizadas, mas não entrevistadas, 4 rendeiras em Campos (3 ainda trabalham), 2 em São Gonçalo e 1 em Valença.

Em Arraial do Cabo, foram colhidos os depoimentos de 3 artesãos que fazem bilros. Dois deles são casados com rendeiras. Dois foram pescadores e fazem também redes.

2. ORIGEM DAS RENDAS

Dos municípios visitados, somente em quatro foram fornecidas informações precisas sobre a origem das rendas na região.

Em Arraial do Cabo, município de Cabo Frio, uma rendeira, Dona Francisca de D'Arcante, lembrou que sua avó, rendeira também, sempre dizia que quem tinha trazido esse trabalho para o Cabo, tinham sido os portugueses - "porque aqui sempre foi lugar de português". Havia nessa época, infância de Dona Chica, muitos portugueses vivendo no local. Eram os poveiros, da região de Póvoa. As almofadas das rendeiras portuguesas eram iguais às atualmente usadas, de cavalete.

Em Cabo Frio (sede) e Saquarema, também houve núcleos de colonos portugueses. Pode-se admitir, então, como origem provável, terem sido eles a iniciar o trabalho nessas regiões.

Segundo Dona Plautila Maurício Pereira, em Porciúncula, as rendeiras foram trazidas do Nordeste do Brasil por uma família descendente do Conde Maurício de Nassau. Esta família deslocou-se de Pernambuco para Minas Gerais, fixando-se nas localidades de Mar de Espanha e Tombos. Mais tarde, veio para Porciúncula, no Estado do Rio de Janeiro, aí se estabelecendo definitivamente.

Dona Emília Ligiere foi, sem dúvida, quem introduziu o trabalho das rendas em Laje do Muriaé. Professora e diretora de um internato para meninas, que ela mesma fundou aos 17 anos, empenhou-se no ensino dos trabalhos manuais. Deu maior ênfase à renda de bilros, que foi bem aceita na época. As mulheres rendeiras de Laje do Muriaé foram todas alunas de Dona Emília Ligiere. Conta ela que aprendeu em sua região, Laje do Muriaé, com uma prima já falecida e que desconhece quem lhe ensinou.

A rendeira de Conservatória - única do local - aprendeu na cidade de Santa Izabel do Rio Preto, onde nasceu, com uma prima. Não sabe dizer a origem do artesanato nessa região.

3. ALMOFADAS

É a peça onde é feita a renda de bilros. Pode ser apenas um acolchoado ou, então, no caso da almofada de cavalete, ter a parte acolchoada fixada na madeira. Esse acolchoado é necessário para se espetar os alfinetes que prendem os moldes.

3.1 Formas

Foram encontradas quatro formas diferentes de almofada. Cabo Frio e Saquarema usam a almofada de cavalete, que é um travesseiro costurado num cavalete de madeira. Em Campos, é usada uma almofada redonda, achatada nos dois pólos (parece um travesseiro gordo). Nos municípios de Laje do Muriaé e Porciúncula é encontrada a almofada cilíndrica. Conservatória é um caso à parte, pois Dona Gigi, a única rendeira do local, criou nova forma de almofada onde aprendeu a fazer renda.



➤ **Almofada de cavalete**

É um quadro de madeira onde fica preso um acolchoado.

O cavalete é um retângulo de madeira de 70 a 80cm que se apóia, em geral, em dois pés. Esses pés têm a forma da letra A e são presos pela parte de trás da almofada a um pedaço de pau ou cabo de vassoura que se encaixam em "trancas". Os pés servem também para afastar ou aproximar a almofada.

As madeiras mais usadas na feitura do cavalete são: pinho, peroba, caviúna e compensado (a maioria). Não são pintadas, a não ser uma que foi encontrada em Campos.

Foram vistas duas almofadas aproveitadas de janelas, uma de casa e outra de embarcação.

Quase todas as almofadas são bem antigas, tem de 10 a 30 anos de uso. É muito comum herdarem as almofadas da mãe, de uma irmã, avó, ou parente.

Algumas são feitas por pessoas do próprio local - em geral parentes. Uma foi feita em carpintaria. O enchimento, porém, tem que ser trocado periodicamente.

Além de Cabo Frio e Saquarema, também em Campos foram encontradas almofadas de cavalete.

A maioria das rendeiras senta no chão para trabalhar, em cima de uma esteira ou pano velho "por causa da friagem". Sentam-se de pernas cruzadas, viradas para um lado. Algumas dizem que, com a idade, ficam mal acomodadas no chão. As que trabalham só no chão, às vezes sentam num banquinho quando a renda "está lá em cima", isto é, no começo do pique.

Umam trabalham sempre num banquinho ou cadeira. Nesse último caso, colocam a almofada no colo ou apoiada na parede ou em cima de outra cadeira. Quando sentam no banquinho, colocam a almofada apoiada no chão, ou então encostam-na à parede, quando a almofada não tem pés.

Trabalham dentro de casa, na sala ou na cozinha e, às vezes, do lado de fora, no jardim ou na calçada de casa, "pra tomar fresca".

➤ **Almofada redonda**

É o tipo mais encontrado em Campos. Tem a forma de um travesseiro gordo, redondo, acolchoado. De tamanhos variados, têm, em média, 50cm de diâmetro e são feitas pelas próprias rendeiras.

Em alguns distritos de Campos as rendeiras dão o nome de *rolo* a este tipo de almofada e designam *almofada* aquela de cavalete.



A maioria das rendeiras campistas começou a fazer renda nas "almofadas de pau", passando a usar as de forma arredondada, porque estas são melhores para o tipo de trabalho que executam, isto é, pelas colchas, toalhas, centros de mesa,

que são maiores e mais largos que a renda feita a metro. Além disso, a rendeira necessita movimentar a almofada para poder trabalhar nos quatro lados dos quadrados da renda, virando-a sempre que necessário.

Tanto o enchimento como o forro das almofadas redondas têm que ser trocados ao estragar.

Costumam apoiar a almofada numa cadeira e sentam-se na cama, sofá, banquinho ou mesmo noutra cadeira.

Trabalham sempre dentro de casa: no quarto e, mais comumente, na sala, durante todo o dia, intercalando com outros afazeres domésticos.

➤ **Almofada cilíndrica**

Tem a forma de cilindro ou rolo, acolchoado. Foi encontrada em Laje do Muriaé, com 30cm de comprimento e 40cm de diâmetro e, em Porciúncula, com 60cm de comprimento e 1m de diâmetro. São confeccionadas pelas próprias rendeiras.

As rendeiras improvisam apoio próprio para esta almofada, adaptando quatro pés a um caixote arredondado de madeira (dos usados para embalagem de alho), adquirido em armazém. A altura desses pés é calculada de maneira que a rendeira, sentada em um banquinho, não fique muito curvada sobre a almofada e, conseqüentemente não se canse tanto.

As almofadas menores são apoiadas em caixas de sapato. As rendeiras colocam-nas em cima de uma mesa e sentam-se numa cadeira.

Elas trabalham sem se perturbar com o movimento da casa, conversando, enquanto fazem a renda. Só uma delas disse que não gosta de "gritaria" e trabalha sozinha.

➤ **Almofada de Conservatória**

Foi a rendeira mesma que a fez, igual à da prima que a ensinou a trabalhar.

Trata-se de uma almofada muito original. É uma caixa de madeira acolchoada e forrada, fechada por uma tampa na frente. Na parte superior se encaixa um cilindro onde é preso o pique.

Esse rolo vai girando à medida em que a renda é feita, provocando a passagem através de um orifício colocado por detrás do cilindro, para dentro do bolso da almofada. O rolo tem um eixo feito com um cabo de guarda-chuva. Nas extremidades desse eixo há um disco de madeira. O eixo e o disco ficam presos por um prego colocado na parte posterior, no orifício do cabo do guarda-chuva. Esse rolo é também acolchoado, isto é, enchido com paina. No centro do rolo, pelo lado de fora, há um sulco onde fica encaixado o pique, bem firme. O cilindro tem o comprimento exato do pique. Três voltas completas do rolo correspondem a meio metro.

Para esse cilindro ficar firme e a rendeira poder trabalhar bem, ela improvisou uma alça feita de um tecido grosso que fica presa pelas duas extremidades, uma no rolo e a outra no corpo da almofada, por dois alfinetes grandes.

O corpo da almofada é cheio com palha de milho desfiada. Dura muito tempo a palha. A de Dona Gigi nunca foi mudada e ela a fez há 70 anos. O "colchão" em volta da caixa de madeira foi a solução encontrada por Dona Gigi para que os bilros não embaraçassem, o que acontecia muito na almofada da prima com quem ela aprendeu.

O tecido que fica por cima da palha é de algodão estampadinho. Esse forro estraga com o tempo e a rendeira coloca então outra capa por cima da antiga.

O bolso da almofada é forrado também. A tampa do bolso é acolchoada. O bolso serve para guardar linhas, alfinetes tesoura. Nele a renda vai caindo, à proporção que vai ficando pronta, por um espaço existente na parte posterior da almofada, entre o rolo e o corpo da almofada propriamente dita. Os tecidos são presos por tachinhas. Todo o acabamento é feito pela rendeira.

Trata-se de uma almofada extremamente bonita, simples e prática, onde tudo funciona bem. É uma ferramenta de trabalho e, ao mesmo tempo, uma oficina, pois, tudo de que ela vai precisar está ali, a mão.

Trabalha sentada com a almofada no colo ou então senta na cama e coloca a almofada numa cadeira em frente.

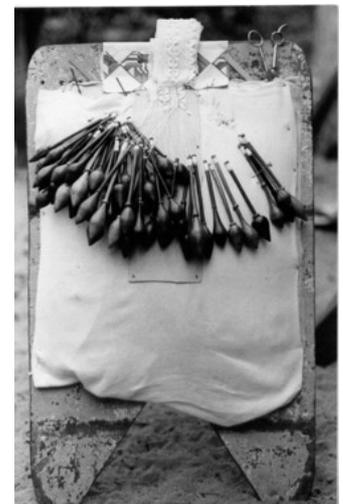
3.2 Enchimento

Todos os tipos de almofada precisam de um acolchoado onde a rendeira espeta os alfinetes para fixar os piques e fazer a renda. É usada principalmente, para encher o "travesseiro", palha de bananeira.

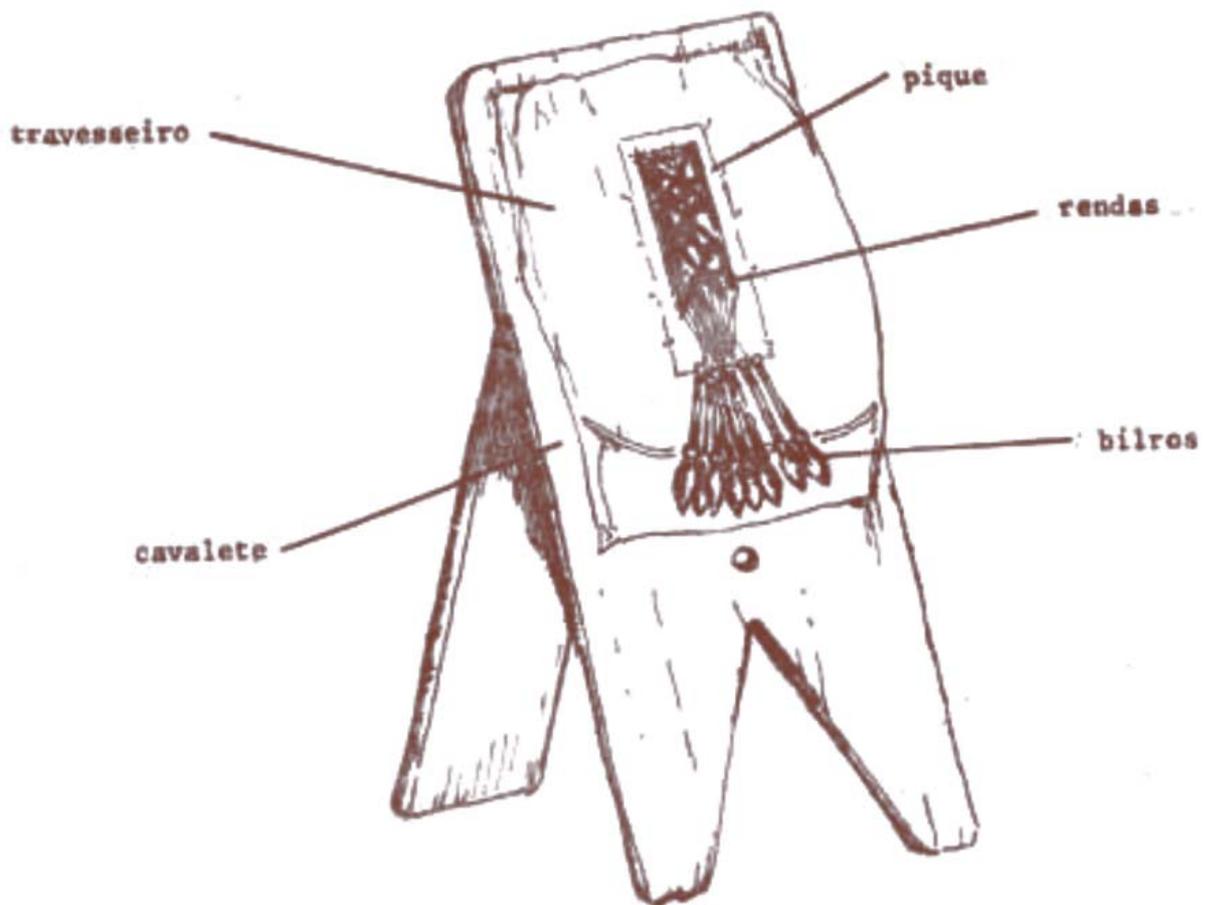
A palha de banana é apanhada seca no pé e colocada ao sol. Depois de retirado o talo "engaço duro" - desfiam o resto e enchem o forro. A palha é conseguida no quintal e nos morros da região. Dura muito tempo, anos e anos, esse enchimento. Com o uso, a palha vai esfarinhando, "virando pó" e a almofada fica mole não permitindo a entrada do alfinete. "Desenchem a almofada", isto é, jogam a palha fora e colocam outra nova.

Foram também encontrados outros materiais para encher a almofada: capim de colchão (Arraial do Cabo), algodão cru (Saquarema), paina (Campos), palha de caixa de remédio (Saquarema) e palha de milho (Porciúncula e Conservatória).

**Diferentes almofadas das rendeiras da região
Fotos: Amélia Zaluar - Arraial do Cabo -1978**



Esquema da almofada de bilros



3.3 Forro

O tecido que envolve a palha é o de saco de farinha de trigo, adquirido em padaria. É o melhor para esse trabalho porque, sendo mais ralo, permite mais facilmente a introdução dos alfinetes ou espinhos.

Na almofada de cavalete, o forro é costurado na madeira com agulha de saco - uma agulha grossa, de ferro - e barbante, *nylon* ou linha de rede. A madeira é furada com um furador ou pua, esquentados ao fogo.

Fazem os buracos distantes uns dos outros, alguns centímetros. Em seguida, com a agulha e o barbante, o pano de saco é costurado na madeira.

O enchimento da almofada de uma delas era preso com pregos. Por cima desse forro, é colocado outro tecido (qualquer um serve, em geral, é um pedaço de vestido ou fronha velhos), limpinho, que é "pra clarear a renda". Esse pano é preso no primeiro forro com espinhos.

A almofada de rolo é forrada com tecido de algodão rústico que é cortado como uma "fronha". Ele é costurado ao comprimento da almofada e fechado, nas duas extremidades, por um cordão que vai franzir essa fronha, fechando-a completamente.

O enchimento, a colocação dos forros e os acabamentos são as rendeiras mesmas que fazem.

4. BILROS

Os bilros - bilos ou birros, como muitas rendeiras dizem, são pequenas peças de madeira, que variam em formato e tamanho e que servem para enrolar a linha que será usada para fazer a renda.

São confeccionados na própria família das rendeiras - parentes próximos ou elas mesmas - ou por membros da comunidade que os vendem a quem necessita. Há poucos artesãos que fazem bilros. Em Arraial do Cabo ainda trabalham Antônio de Boco e Adriano. Nos outros municípios não foi registrada a existência desses artesãos.

Os bilros não têm outra utilidade. Duram muito, "não acabam mais". Quando quebram, não servem para mais nada, são jogados fora.

São guardados, quando em desuso, em caixas, sacos plásticos, bolsas, gavetas. As rendeiras, em geral, possuem grande quantidade de bilros, de 3 a 12 dúzias. Quanto mais larga a renda, tanto maior o número de bilros usados.

Muitas rendeiras têm bilros antigos, herdados da avó, mãe, irmãs e amigas já falecidas.

Os bilros "quando estão sujos" são lavados para não encardir a renda. Colocam-nos dentro de uma vasilha, passam sabão com um paninho, esfregam, enxáguam e colocam ao sol para secar.

4.1 Formas

Pode-se dizer que o bilro tem três partes: a *cabeça* ou *bojo*, o *cabo* e o *carretel* ou *carne*. Os bilros das regiões pesquisadas

apresentam três formas diferentes de cabeça: redondo, piãozinho ou em forma de pastilhas.

Podem ser aproveitados coquinhos de palmeiras para a cabeça: brejaúba, pati e tucum, que são arredondados, e olho-de-boi, que parecem pastilha ou disco. Às vezes, os bilros têm, logo depois da cabeça, um ou mais anezinhos, para enfeitá-los.

O carretel ou carne (Arraial do Cabo) é a parte do bilro onde fica enrolada a linha. É feita uma reentrância ou sulco no bilro para a linha não deslizar no cabo. O bilro termina por um pequeno disco e medem de 10 a 20cm.

4.2 Madeiras utilizadas

A madeira própria para a confecção dos bilros é dura, pesada, grossa e reta, apanhada nos morros, quintais e restingas (Arraial do Cabo).

As mais usadas são jenipapo (Campos), laranjeira (Saquarema e Campos), tinguauçuíba, coração-de-boi, canela-de-veado, tabatinga, fruta-de-cachorro, gabiroba, pequeá, bapoana, pitanga e louro. São também aproveitadas caviúna, goiabeira, espirradeira, fruta-do-conde, arapoca, jequiá e jacarandá.

Os bilros têm cores diferentes, conforme a madeira utilizada. *Bilros clarinhos*: fruta-de-cachorro, pitanga, canela-de-veado, bapoana; *Bilros rosados*: louro; *Bilros escuros*: jenipapo, caviúna, ubatinga, gabiroba; *Bilros amarelinhos*: pequiá.

Em Porciúncula, uma rendeira aproveita carretel de linha comum para improvisar seus bilros, dada a dificuldade de arranjar madeira adequada para sua confecção.



O olhar de Dona Gigi parece perdido na lembrança congelada do tempo em que era jovem e sua renda disputada.

4.3 Como são feitos

Para os bilros inteiriços, a madeira tem que ser cortada no minguante - se for cortada "na força da lua, a madeira racha toda". Cortam-se os varões no mato. Depois em casa, com um serrote, corta-se no tamanho necessário. Com um canivete ou faquinha amolada, vai-

se dando o formato do bilro. Pronto este, raspa-se com caco de vidro para alisar a madeira. Algumas vezes usa-se lixa também.

Quando são usados coquinhos, estes são apanhados verdes (tucun, olho-de-boi) ou maduros, frescos (brejaúba e pati). Faz-se um furinho e introduz-se o cabo, sem qualquer tipo de cola. Depois de seco, o coco "aperta", ficando bem preso ao cabo.

Não há época certa para colher os cocos.

Tira-se a casca (quando existe), passa-se faca para limpar e, às vezes, lixa para ele não ficar áspero.

O bilro adaptado de carretel de linha comum é feito da seguinte maneira: cortam-se os dois discos das extremidades que são, em seguida, colados um no outro pela sua parte maior. Introduce-se então no orifício do carretel um pequeno pau roliço.

O brilho do bilro, segundo a maioria delas, é do uso constante: "a mão da gente é que enverniza".

Houve poucas referências ao uso do verniz, mas as rendeiras mais experientes disseram que "o verniz gruda nas mãos" e não é bom envernizar.

Foi constatado, pelo depoimento de muitas rendeiras, em diversas regiões, que há dificuldades para se conseguir a madeira necessária, que vem se tornando escassa com o correr dos anos.

Em Arraial do Cabo há ainda o agravante da proibição, dada pela empresa Álcalis, de se entrar e se apanhar madeira nos terrenos e morros pertencentes a ela. Dizem todos que a Álcalis "tá fechando tudo, tão cercando e derrubando tudo".

Em Campos, as usinas de cana-de-açúcar são as responsáveis pela derrubada das matas e pelo conseqüente desaparecimento das árvores.

5. FIOS

São usadas linhas de carretel ou tubo, das marcas *Clark*, *Corrente Marron*, *Coats*, *Âncora*, *Mercê Crochê* e *Zebra*, n^{os} 20,30,40,50,60.

Para as rendas vendidas a metro, as preferidas são: Clark ou Corrente, n^o 50 ou 60, para as rendas estreitas e n^o 30 ou 40, para as rendas largas.

Na confecção das rendas feitas em quadros, como toalhas e colchas, são usadas principalmente as linhas Clark 50 e 60, Mercê Crochê 60, 70 e 80 e a linha número 8.

Em Arraial do Cabo é usada também linha matizada, Âncora número 8, em duas cores: branca e rosa, branca e amarela, rosa e azul, etc.

O fio é de algodão. Usam quase sempre linha branca. Compram linha de cor por encomenda dos fregueses. As cores mais usadas, depois da branca, são azul, vermelha, amarela e rosa.

A linha de seda - de meada, com seis fios - é usada para fazer o maço, cordão grosso que enfeita a renda e que pode ser ou não da mesma cor. A linha é adquirida pela rendeira em armarinhos e vendas da cidade ou, então, é fornecida pela própria freguesa, no caso da rendeira não ter capital para comprá-la.

Para prender a linha no bilro, a rendeira deixa atravessada uma ponta da mesma e vai rodando o bilro para enrolar a linha. Quando o bilro está cheio, deixa-se um pedaço de linha, de uns 20cm e, sem cortá-lo, começa-se a encher outro bilro. Assim, os bilros são enchidos, um a um, emendados, fazendo "uma fieira grande". Quando a linha arrebenta, a rendeira emenda, dando uma laçada, um nó, que não aparece depois da renda feita.

Algumas rendeiras de Campos, "enchem" os bilros individualmente. Depois os unem por um nó e os colocam aos pares nos espinhos por onde se inicia a renda.

6. PIQUES

"A renda que a gente vai botá, já vem no pique o que é".

O pique é um molde em que é picado, isto é, furado, o desenho ou padrão da renda. É uma trilha, é ele quem determina o modelo da renda e o número de bilros necessários para a sua confecção. Se a rendeira coloca um bilro de menos, não consegue fazer a renda. "Só se pode fazer o que o pique manda. Tem que obedecer". Os furos do pique servem para fixar com alfinetes os pontos ou laçadas, e servem também para manter a renda bem espichada e ela assim não repuxar.

Os piques são feitos de papelão de caixa de sapato, de chapéu, de remédio, de doce. Em Conservatória é usado papelão de camisa. No distrito de Goitacazes, Campos, uma das rendeiras compra papelão a metro em papelaria.

São cortados com tesoura ou faca, no feitio de um retângulo de uns 30cm, na renda a metro, e de um quadrado, que varia conforme o tamanho do quadro que vai compor o trabalho a ser feito.

Para prender o pique na almofada, usam-se espinhos e/ou alfinetes.



Quando o pique está muito velho, a rendeira tira outro - repete o modelo - e joga fora ou queima o estragado.

Algumas guardam-nos gastos assim mesmo. Os padrões são antigos, passando de geração para

geração. Algumas delas têm modelos que receberam da mãe, avó, bisavó e rendeiras já falecidas.

As rendeiras emprestam piques umas para as outras para obter modelos novos. Não há, porém, o costume de dar ou trocar.

Não foi registrada nenhuma rendeira que criasse desenhos novos. Houve várias referências a uma rendeira de Arraial do Cabo, já falecida, que fazia rendas "da cabeça dela". Tirava qualquer modelo de renda e não pedia piques a ninguém. Sua renda não tinha nome.

A filha de uma rendeira, habilidosa no desenho, inventou um modelo novo de renda. Desenhou no papelão e, com ajuda da mãe, picou-o nos lugares em que era preciso ter pontos. Uma rendeira contou que "antigamente" fazia renda estreitinha "de cabeça".

Segundo o depoimento de uma rendeira de Arraial do Cabo, pode-se tirar o entremeio pela ponta. Faz-se a metade da renda, que será uma metade do entremeio, depois vira-se o desenho e faz-se a outra metade.

Fazer a ponta pelo entremeio é mais difícil. Algumas dizem ser impossível, mas há quem a faça. Essa mesma rendeira pode fazer de uma renda larga outra mais estreita e vice-versa.

É comum ganharem amostras de outros lugares (Rio, Bahia, Nordeste). Podem tirar amostras também de rendas industrializadas, "prontas de fábrica". Uma delas tirou modelos de amostras de jornal.

As rendeiras possuem coleções de piques, de 20 a 50 unidades cada. Quando não estão sendo usados são guardados em sacos plásticos ou de papel, numa caixa, dentro de uma bolsa, gaveta ou armário. Algumas amarram os piques com uma tira de pano.

As rendeiras têm mais cuidado com os piques cujos desenhos são mais procurados. Gostam daqueles mais fáceis de fazer, dos mais novos, dos mais bonitos. Quando trabalham a metro, preferem as rendas largas, porque as estreitinhas dão muito trabalho e são "enjoadas" de fazer. A renda branca é a mais apreciada, seja pelo costume ou tradição, seja porque não prejudica a vista como as de cor.

Em geral, a rendeira tem cuidado com os seus piques porque fazem falta, se estragarem. As que possuem piques, cujos modelos vieram de pessoas da família, têm muito carinho por eles.

A única rendeira de Conservatória tem um álbum, feito em 1919, onde cola todas as amostras de renda que sabe fazer. Ela prefere usar papelão de camisa, porque ele enverga melhor que o de caixa de sapato. O pique da sua almofada fica em torno de um rolo.

Essa mesma rendeira, Dona Gigi, fez, especialmente para furar piques novos, uma tábua retangular, acolchoada, onde ela prende o papelão e o fura com agulha de crochê antiga, de cabo de marfim. A ponta dessa agulha é um alfinete.

6.1 Picar o pique

Para fazer um novo pique pela amostra, a rendeira espeta o papelão virgem, já cortado, na almofada. Prende a amostra de renda - alguns centímetros ou um quadro - bem espichada, com alfinetes, nos cantos e nos lados. Vai então furando, com alfinetes ou espinhos, nos lugares certos. Fura o pique todo, retira a amostra e o pique está pronto para ser usado.

Para obter um pique por outro, a rendeira prega o pique furado na almofada, faz um pedaço de renda suficiente, retira a renda e o pique e coloca então na almofada um papelão novo que vai ser furado pelo processo já descrito acima, usando o pedaço de renda feito. Esse método foi observado em Cabo Frio.

Nos outros municípios o costume é prender os dois piques - o já furado por cima do papelão virgem - na almofada, seguros nas extremidades por alfinetes. Vai-se então picando com alfinete, agulha ou espinho, seguindo a trilha do pique.



Há rendeiras que não sabem "tirar o pique". Pedem que outra o faça por elas. No distrito de São Sebastião, em Campos, só uma rendeira sabe fazê-lo. É chamada de "tiradeira de piques".

7 ALFINETES

A rendeira usa três tipos de alfinetes: *espinhos*, *alfinetes de cabeça* e *alfinetões* (encostos).

7.1 Espinhos

São usados em Arraial do Cabo espinhos de cardeiro (espécie de cacto, cardo), a arumbeba; em Saquarema, espinhos de laranjeira; em Campos, espinhos de açé (cacto) e na localidade de Marrecas, em Campos também, espinhos de cardeiro. São empregados para prender o tecido colocado por cima do forro da almofada, para espetar os piques na almofada e para prender os pontos. São apanhados nos matos, nos morros e na restinga por algum conhecido, parente ou por elas mesmas. Dizem que hoje em dia já é mais difícil encontrá-los devido ao progressivo desmatamento. Com exceção do município de Campos, as rendeiras não costumam ter muitos espinhos. Em Conservatória, a rendeira nunca usou espinhos.

7.2 Alfinetes

Os alfinetes de metal (latão), de cabeça, são comprados em caixas, carteiras ou maços nos armarinhos e vendas locais.



Esses alfinetes são usados para prender, pelas extremidades, a renda no pique e também para "fazer a renda". Para isso, são fincados nos furos dos piques com o objetivo de segurar o ponto da renda. Só são colocados depois que a laçada é feita.

O número de alfinetes usados para fazer a renda vai depender, portanto, do desenho. Quanto mais larga a renda, tanto maior o número de alfinetes usados. Pode-se usar até três ou quatro dúzias para pregar bem a renda e ela não repuxar. É preciso ter muitos alfinetes.

As rendeiras, em geral, queixam-se da qualidade dos alfinetes de metal porque, dizem elas, enferrujam muito e marcam a renda (são jogados fora, quando isto acontece). Os melhores são os vendidos em maço. São maiores, mais caros e são apreciados porque o ponto feito com eles "fica mais fininho".

Segundo uma rendeira de Arraial do Cabo, pode-se limpar os alfinetes enferrujados: põe-se numa vasilha com farinha de mandioca e deixa-se por algum tempo. Não é preciso esfregar.

São usados também alfinetes de metal grandes, de cabeça colorida, para prender os piques na almofada.

7.3 Encostos ou estacas

As rendeiras usam dois alfinetões, espigões ou espetos para segurar os bilros, quando estes estão descansando na hora de "levantar a renda". São alfinetes grandes de metal, aço, arame, cobre ou madeira, feitos por pessoa do local. Não são comprados e não têm outra utilidade. São também aproveitadas agulhas de crochê, tricô e antenas de rádio, lixadas nas pontas para ficarem finas. Usam também espinhos grandes de laranjeiras.

A relação que há entre alfinetes e bilros é a seguinte: em cada furo do pique é fincado um alfinete onde são pendurados dois bilros que vão ser trocados. Da maneira como se "trocam os bilros", vão surgir os diferentes tipos de renda.

8. RENDAS

8.1 Modelos

Os modelos de rendas são tradicionais, foram passados de geração para geração. A rendeira empresta e consegue emprestados os piques. Isso explica o fato de, numa mesma região, os desenhos serem conhecidos por todas, embora as rendas mais difíceis só sejam feitas pelas rendeiras mais habilidosas.

➤ Rendas feitas a metro

Faz-se *bicos* ou *pontas* - usadas na beira do tecido - e *entremeio* - usado entre dois pedaços de tecido. A largura varia de 1 a 12cm ou mais. Para a renda a metro usa-se a almofada de cavalete e a cilíndrica. É feita principalmente nos municípios de Cabo Frio, Saquarema,

Porciúncula, Laje do Muriaé, São Gonçalo e nas localidades de Farol de São Tomé, Guarus e Marrecas, em Campos.

➤ **Rendas feitas em quadros**

São quadrados de tamanhos diversos que, depois de prontos, são costurados "sarrados" - um a um, formando colchas, toalhas, centros de mesa, guardanapos. Essa costura é feita com agulha e linha comuns. Essas peças grandes têm como acabamento uma renda de bico, "rodo de bicos", feita a metro e que contorna a peça inteira.

Esse tipo de trabalho foi mais encontrado no município de Campos. A almofada usada neste caso é a redonda. Segundo depoimento de duas rendeiras campistas, há mais ou menos 50 anos, quando elas começaram, se fazia renda a metro. Mais tarde, começou-se a fazer aplicações em forma de triângulo, que, com o decorrer do tempo, foram sendo unidos, quatro a quatro, formando quadrados. A almofada usada inicialmente era de cavalete, substituída depois pela redonda, mais adequada ao tipo de renda.

➤ **Aplicações**

São rendas com formas definidas de flores, folhas, corações, leques, etc., que vão ser aplicadas num tecido para enfeitá-lo. São mais difíceis de encontrar, poucas rendeiras as fazem. Em Arraial do Cabo e Campos, encontrou-se um tipo de aplicação vendida a metro. A diferença entre o entremeio e a aplicação a metro é que o entremeio é terminado por uma ourela e a aplicação não.

➤ **Palas**

São inteiriças, uma peça só. A rendeira faz um lado, vira a almofada para fazer o outro, repetindo este processo até fazer os quatro lados. São aplicadas depois no decote de camisolas, blusas e vestidos.

8.3 Utilidade

São usadas para enfeitar e dar acabamento em roupas (blusas, vestidos, anáguas, quimonos, camisolas, roupinhas de bebê), toalhas de mesa, lençóis e fronhas, cortinas, paninhos de prato, de prateleira, almofadas.

A renda feita a mão é mais bem feita e durável que a de fábrica.

8.4 Preços

Variam muito. Dependem da largura da renda, da habilidade e fama da rendeira e da localidade onde ela vive.

8.5 Nomes populares dos padrões

São nomes antigos, tradicionais, designam quase sempre semelhanças com animais, objetos, vegetais, etc. A renda "bota hoje-tira amanhã" tem esse nome porque é rápida de fazer. A rendeira, em geral, não sabe por que tem aquele nome. Outras não os conhecem, não lembram seus nomes.

Foram registradas as seguintes designações:

jibóia, viajante, cocada, morro-grande, pele-de-cobra, coração, Regina, rosa, rosinha, três-rosas, flor-do-dia, bota-hoje-tira amanhã, água-do-pote, coqueiro, aranha, baixo, chapa, biscoito, rabo-de-peru, concha, coração, caroço-de-lima, relógio, leque, dente-de-cachorro,



rabo-de-pavão, 12 bolinhas, siri, gravata, bico-de-passarinho, maxixe, caroço-de-lua, desejada, amendoim, três-pontas, joelho, trela, rabo-de-pomba, briga, camarão, véu, 4 baratas, chave, trena, trocadinho, colchete, caixinha, sobancelha, pegadinho, sapo, prata, S, olho-de-pomba, cu-de-sapo, caroço-de-arroz, olho-de-pinto.

Quase sempre, do mesmo modelo, podem ser feitos a ponta e o entremeio.

Alguns exemplos de rendas largas, feitas às vezes com mais de seis dúzias de bilros: *flor-do-dia, baixo-véu, viajante, chapa.*

Nomes de rendas bem estreitas, feitas com duas ou três dúzias de bilros; *caroço-de-arroz, bico-de-passarinho, amendoim, cocada, grinalda.*

As rendas feitas em quadro ou palas não têm nomes próprios.

8.5 Pontos

Há três espécies de pontos: *ponto inteiro* ou *fechado* ou *trocada inteira* (Campos); o *meio ponto* ou *aberto*, *meia trocada* em Campos, e a *bolinha* ou *baratinha*.

Para fazer qualquer ponto são necessários quatro bilros ou dois casais. Trocam-se os quatro, descansam-se dois, isto é, deixam-se dois pendurados no encosto. Fica-se com os outros dois na mão e apanha-se um par do outro lado. Vai-se assim "trocando" até atingir a outra extremidade do desenho.

Basicamente, em quase todos os pontos, a rendeira troca os bilros, fecha o ponto e espeta o alfinete para segurá-lo.

➤ Ponto inteiro ou trocada inteira

É um ponto mais fechado, mais seguro, mais firme. Dá-se duas voltas com os dois pares de bilros e aperta-se o ponto. Espeta-se então o alfinete para prender o ponto.

Modalidades: *pano* (parece um tecido, é bem fechado); *carreira* (parece uma rede), *trança* ou *correntinha* e *baratinha*.

➤ Meio ponto ou meia trocada

Para fazer o meio ponto, dá-se uma volta só com os dois casais de bilros. O movimento é o mesmo do ponto inteiro, muda-se o número de voltas: uma para o ponto inteiro e uma para o meio ponto. **Modalidades:** *trocado* ("trucado"); *pregadinho*. No ponto trocado, só se prende o alfinete no fim, quando a malha já está toda trançada.

➤ Bolinha ou baratinha

Tem o feitio de uma folhinha. Tem vários nomes: no Nordeste é a *traça*; em Campos, *baratinha*, *matachê* e *goibirro*; em Porciúncula, *matachê*; em Arraial do Cabo, *bolinha*; em Saquarema, *folhinha*.

A maneira de trocar os bilros é a mesma usada para uma trança, só que apenas "um anda, os outros afirmam". Vai-se passando esse bilro pelo meio dos outros três, "pra lá e pra cá". Faz-se a bolinha inteira e só então, no final com a bolinha pronta, espeta-se o alfinete.

A bolinha pode ser também quadrada, lembrando um balãozinho. É a chamada "bolinha atravessada" (Arraial do Cabo).

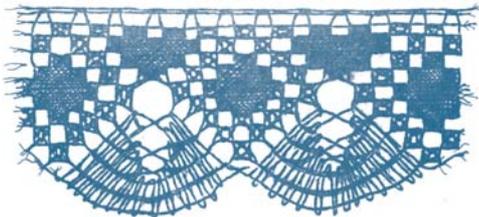
Para fazer qualquer ponto são necessários quatro bilros ou dois casais. Trocam-se os quatro, descansam-se dois, isto é, deixam-se dois

pendurados no encosto. Fica-se com os outros dois na mão e apanha-se um par do outro lado. Vai-se assim "trocando" até atingir a outra extremidade do desenho.

Basicamente, em quase todos os pontos, a rendeira troca os bilros, fecha o ponto e espeta o alfinete para segurá-lo.

➤ Observações

- Rosinha é feita de meio ponto, trocado. O feitiço é que parece uma rosa.
- Todas as rendas, tanto o entremeio como o bico, têm como acabamento uma ourela, que é uma trancinha.
- A maneira de trocar os bilros é que determina o ponto.
- Para segurar os pontos de pano, carreira e trocado, só se coloca o alfinete ao terminar toda a malha. No pano e trocado são colocados também alfinetes nas extremidades do desenho, em volta da área que está sendo trabalhada.
- Os mesmos bilros servem para fazer qualquer ponto. Eles ficam "andando" de um lado para outro e "tomam conta" de todos os pontos.



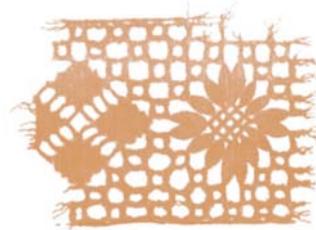
Bico(Campos))



Bico (Campos



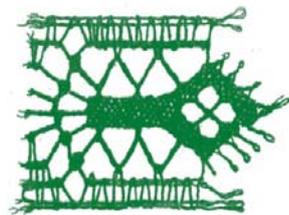
Bico (Campos)



Entremeio das quatro rosas (Cabo Frio)



Porta coqueiro (Cabo Frio)



Entremeio da chave (Cabo Frio)

9. COMO SE FAZ A RENDA

9.1 Assentamento da renda

Para começar a renda, a rendeira prende, com alfinetes grandes ou espinhos, o pique na almofada e vai cravando os alfinetes menores na parte superior do pique. Enche os bilros de linha - "enleando os bilros" todos os que são necessários àquela renda. Para a primeira carreira de alfinetes, a rendeira coloca dois bilros em cada um,



alceando, isto é, passando a linha em volta do alfinete e deixando-os suspensos, pendurados. Na hora de trocar os bilros, a rendeira vai trabalhar com quatro, dois de um alfinete e dois do outro. Cruza os bilros, fecha o ponto e espeta o alfinete na segunda carreira para prendê-lo. Esse processo será utilizado até o final da renda. Os pontos que iniciam a renda são os mesmos até o fim. O pique já determina quais os que vão ser usados. O número de bilros necessários depende

do desenho da renda e já vem também determinado pelo pique, nem um a mais, nem um a menos.

A rendeira faz um pouco de renda, pára e muda os alfinetes de lugar, repetindo esse processo até alcançar o final do pique. A renda já pronta fica presa por alfinetes no alto e nos lados.

Na renda feita em quadros, a rendeira trabalha por triângulos, fazendo um de cada vez. Ao terminar o primeiro, ela gira a almofada e começa o segundo triângulo sem interrupção, trabalhando sucessivamente os triângulos até completar os quatro que compõem o quadrado. Apesar desse quadrado na hora da execução da renda ser dividido em triângulos, o desenho ou padrão não tem que necessariamente ser subdividido em triângulos.

9.2 Levantamento da renda

➤ Renda feita a metro

Quando a renda chega no final do pique, a rendeira prende os bilros - "assunga" todos, metade de cada lado, com uma laçada - laço duplo ou triplo dado com a mesma linha usada para a renda. Essa laçada é chamada em Arraial do Cabo de "sungador" ou "assungador". Quando a renda é estreitinha, faz-se um "amarrado" só para segurar os bilros. Apertada bem essa laçada de bilros, ela é pendurada nos encostos - *espigões* ou *espetos* - espetados dos lados da almofada. Em seguida, a rendeira tira todos os alfinetes, suspende a renda, dobra esse pedaço pronto e o coloca no alto da almofada, coberto por um papel que é usado para proteger a renda, para ela não "encardir".

Logo após suspender a renda, a rendeira assenta um pedacinho (o final) no pique que é para recomeçar o trabalho e para a renda não ficar repuxada. Soltam-se então os bilros, tirando o "sungador", e recomeça-se a trabalhar.

Dona Gigi, de Conservatória, simplificou o processo eliminando esta etapa - o levantamento. À medida em que a renda vai sendo feita, o cilindro - onde é encaixado o pique - vai girando e a renda cai, pronta, dentro do "bolso" da almofada.

Quando a renda atinge metragem necessária, a rendeira faz uma trança, feito uma ourela, amarra e corta. Faz-se isso para a renda não desmanchar. A trança é feita com os bilros.

➤ Renda feita em quadros

Coberto todo o pique, a rendeira desprega os alfinetes e retira a renda da almofada. Em seguida, ela tem que ligar -"sarrar" - os dois lados (internos) que estão abertos, costurando com a mesma linha com agulha "de mão". Depois de feitos os quadros necessários, a rendeira costura, "sarra" todos eles, formando a peça desejada - colchas, toalhas, centros de mesa, etc.

10. RENDEIRAS

A rendeira quase sempre ignora quem introduziu esse artesanato nas suas regiões. Segundo elas, quando meninas, já conheceram as mulheres idosas fazendo rendas.

Todas aprenderam a fazer renda meninas ainda, entre 6 e 12 anos, com as mães, avós, irmãs mais velhas e, em alguns casos, com outra rendeira da região que ganhava para ensinar às meninas o ofício.

Começaram a aprender porque achavam bonito ("gostava daqueles bilros batendo"), ou porque suas mães faziam ou, então, porque era uma das poucas ocupações possíveis, na época, para mulheres. Ganhavam o "bastante para se vestir" e completavam o orçamento da casa com outras atividades como lavar e passar roupa, cortar lenha, salgar peixe, costurar, socar milho, apanhar água, trabalhar na lavoura.

Levavam algum tempo para aprender a fazer renda (de vinte dias a um ano - uma média de seis meses). Aprende-se primeiro a trocar os bilros, depois a fazer a renda e, por fim, a "assentar a renda".

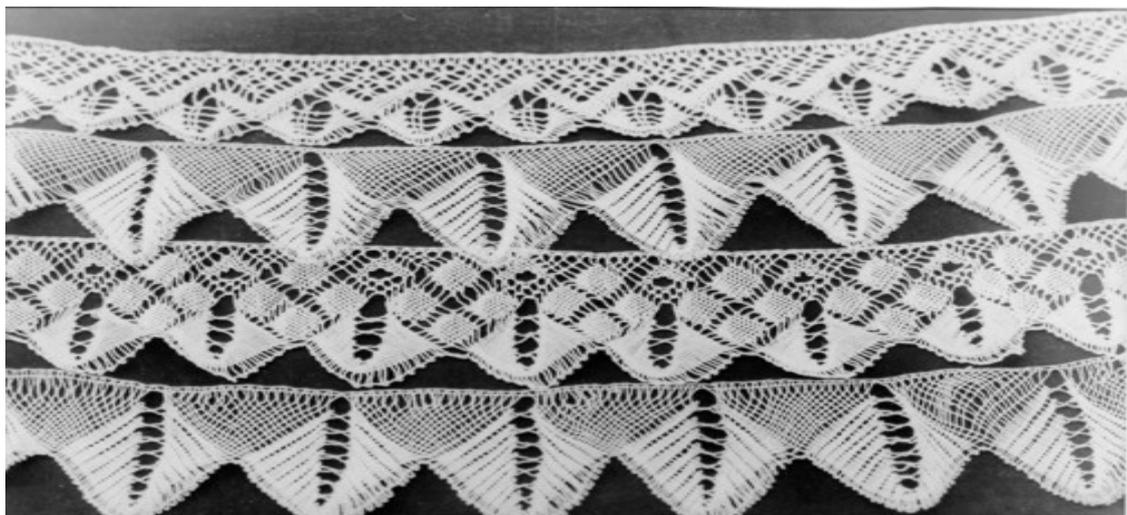
Começa-se com as rendas estreitinhas e, aos poucos, com a prática, começa-se a fazer as mais largas, mais difíceis. Aprendiam em casa mesmo ou, no caso de não haver pessoa da família, aprendiam na casa da rendeira-professora. Para aprender usavam almofada e bilros menores, feitos especialmente para elas.

Já ensinaram outras pessoas a trabalhar. Em geral, as filhas aprenderam. Algumas dizem que não têm "cabeça" para ensinar. Hoje em dia, porém, a opinião é unânime: ninguém quer mais aprender porque não é um trabalho "valorizado", dá pouco dinheiro, e "as moças de hoje não têm paciência". Além disso, as oportunidades de emprego aumentaram e as moças preferem trabalhar no comércio, em fábricas, em bancos, em casas de família e até executar outras atividades manuais, mais lucrativas, tais como crochê e costura.

Quase sempre trabalham sozinhas. Poucas são aquelas que se reúnem para trabalhar e "bater papo". No tempo em que eram moças, era um costume muito difundido três, quatro, cinco ou mais rendeiras "de pagode", juntarem-se com suas almofadas para fazer renda, enquanto conversavam, cantavam, diziam versos. iam para as casas umas das outras, ficavam na calçada ou na praça, embaixo das árvores, "na fresca". Faziam também apostas - tarefas para ver quem terminava primeiro uma quantidade qualquer combinada. Muitas delas ainda cantam, enquanto trabalham: "cantigas antigas, fados, bois-de-reis". Outro costume antigo é o de fumar cachimbo (principalmente) ou cigarro. Não gostam, porém, de ser vistas fumando, guardam o cachimbo quando chega um estranho.

Naquele "tempo antigo", havia muitas rendeiras; morreram quase todas. Elas faziam o enxoval das filhas quando casavam e dos netos que nasciam. Na maioria dos casos, as rendeiras não sabem ler nem escrever.

Ganham muito pouco com essa atividade. Primeiro, porque não podem pedir o preço justo, que seria muito acima daquele por que são vendidas, em qualquer armazém, as rendas feitas em fábricas, o que, com toda certeza, afastaria os compradores. E segundo, porque é um trabalho difícil e demorado. Num dia, no máximo, uma rendeira faz um pique - 25 ou 30cm (renda a metro). Poucas conseguem fazer dois piques (meio metro). Sendo o metro de renda, em média, vendido de Cr\$ 20,00 a Cr\$ 40,00, isso significa que ela ganha num dia de trabalho de Cr\$ 5,00 a Cr\$ 10,00. Certamente por esse motivo é que todas dizem que só fazem porque gostam muito.



Em Arraial do Cabo, já houve um homem que fazia renda para vender. Lavava também roupa pra fora. Já morreu há muitos anos. Existe, em Campos, ainda em atividade, um homem rendeiro, José Vicente, 38 anos, casado, pai de dois filhos. Faz rendas e as vende em

São Paulo. Encomenda também a outra rendeira, Dona Maria Antonia, rendas para revender; ambos são de Goitacazes. Foi impossível contato direto com ele para a entrevista porque as rendeiras locais (duas) sonegaram informações sobre o local onde vive.

Uma característica interessante a registrar sobre as velhas rendeiras é que elas têm uma noção de tempo muito peculiar. Tem-se a impressão de que, para elas, o tempo corre mais devagar. Referem-se às outras rendeiras, que não vêm há muitos anos (10, 20, 30 anos), algumas já mortas até, como se as tivessem encontrado há dias. A impressão é que para as velhas rendeiras, o tempo parou, parou provavelmente no "tempo bom", aquele a que se referem tanto e com tanta saudade.

Outra observação feita é que a morte de um parente próximo, muito querido, um marido ou filho, provocou em algumas rendeiras o fim da sua atividade. Com o desgosto, "dão fim" à almofada, aos bilros e não trabalham mais.



11. COMERCIALIZAÇÃO

O preço da renda varia conforme a região, conforme a habilidade da artesã e de acordo com o tamanho da peça e a complexidade dos pontos da renda.

A renda a metro é vendida de Cr\$ 8,00 a Cr\$ 100,00 o metro; o centro e a toalha de mesa, de Cr\$ 400,00 a Cr\$ 800,00; as colchas de Cr\$ 800,00 a Cr\$ 4.000,00.

A maioria das rendeiras vende suas rendas em casa mesmo para pessoas do local, poucas, e de fora - turistas, principalmente. A melhor época para vender em Cabo Frio é no verão quando o lugar recebe muita gente de fora. Nas outras regiões pesquisadas o fenômeno não acontece; vende-se por igual o ano inteiro.

A rendeira, de modo geral, trabalha por encomenda. Algumas fazem suas rendas para consumo próprio.

No município de Campos, muitas rendeiras vendem o seu trabalho para intermediários, que os vão revender em Campos mesmo, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Queixam-se, porém, de que são exploradas, mal pagas, mas se submetem porque não lhes sobra tempo, devido aos

afazeres domésticos, para a venda das rendas. Algumas têm, ainda, dificuldades financeiras maiores e não podem empatar capital na compra do material necessário.

As rendas nunca são vendidas diretamente ao comerciante. As rendeiras comentam que estes "querem pagar pouco para ganhar vantagem sobre elas".

Não há, em Arraial do Cabo, a figura do intermediário. Há uns 40 anos, havia duas mulheres, uma delas rendeira também, que vendiam as rendas em Cabo Frio, na época o mercado consumidor das suas rendas eram chamadas de "exportadoras" e "vendedoras". Pagava-se um tanto por esse trabalho. Essas duas mulheres iam a pé pela praia, numa viagem de duas horas. Iam de casa em casa oferecendo renda.

Existe uma cooperativa, que trabalha com os artesãos de Cabo Frio, Araruama e São Pedro da Aldeia, sob a responsabilidade da Pescart em convênio com a Emater-Rio. As rendeiras associadas a esse grupo recebem o material necessário (linhas, alfinetes), fazem a renda e



recebem, no momento da entrega, Cr\$ 20,00 por metro. As rendas são então vendidas em feiras expostas em locais diferentes: Niterói, São Pedro da Aldeia, Cabo Frio, por um preço mais elevado. A diferença é então depositada numa conta bancária que é movimentada pela

tesoureira do grupo, rendeira também Este capital é aplicado na compra do material necessário para a feitura de rendas por todas elas.

12. FOLCLORE DAS RENDAS

12.1 Adivinhas: O que é, o que é?

*"Eu sei vestir
o que me falta é roupa." (linha)*

*"Uma mãe com tantos filhos
Todos eles um nome só
Todos eles enforcados
Não é corda, nem cipó."(linha)*

12.2 Cantigas

Algumas rendeiras cantam enquanto trabalham: *Muié Rendeira, A Moda de Lampião, cantigas antigas, cantigas de Boi-de-Reis, cantigas de Fado*. Esse parece ser o hábito mais encontrado na região de Cabo Frio. Uma delas cantava, como sua mãe, enquanto trabalhava:

*"Isso é fio burguês,
Pra bordar toalha de reis".*

12.3 Crendices e superstições

Em Goitacazes, era costume as meninas que se iniciavam nesse artesanato oferecerem as duas primeiras rendas ao Divino Espírito Santo. Acreditavam que, assim procedendo, nunca mais deixariam de fazer rendas. Estas eram ofertadas na Festa de Santo Amaro e na Festa do Divino.

Algumas rendeiras queimam os piques depois de velhos porque não gostam de jogar fora os objetos seus. Uma delas, Dona Otília, rendeira afamada de Arraial do Cabo, diz que, quando estiver bem velha, "perto de morrer", vai queimar tudo: almofada, bilros, piques - "se há de se acabar à toa..."

Há uma crença de que deixar os bilros "amarrados" quando terminam o trabalho, dá azar. Também em relação aos bilros, há a superstição de que não se deve mostrar os bilros para pessoas que têm "olho grande"; dá azar.

Não se faz rendas às segundas-feiras em Arraial do Cabo, ficam "enjoadas". Deixam esse dia para lavar roupa.

Em Saquarema, quando havia rendeiras em atividade, não se trabalhava sábado à noite: era o dia em que o demônio vinha "bater bilros". Lá, também, moça que fazia renda não casava na igreja, arranjava "arrumação por fora".

12.4 Versos

*"Quem quiser comprar mentiras
As moças têm pra vender
No bolsinho da almofada
Guardado pra ninguém ver.*

*Moça que tá na janela
Botando renda pra fora
Moça, mostre o corpinho,
Que renda não se namora.*

*Lá no céu caiu um cravo,
Quebrou o pé da almofada;
Com sentido no amor
Não coso, não faço nada."*

12.5 Costumes

Muitas rendeiras fumam: cachimbo e cigarro. Gostam também de conversar enquanto trabalham. Todas elas referem-se ao fato de que, no tempo em que eram moças, havia o hábito de reunirem-se em grupos (na casa de uma delas, na calçada ou na praça) para trabalhar, contar casos (sobre como aprenderam a fazer rendas), dizer versos, cantar.

Acham que o costume de trabalhar juntas terminou porque todas já são senhoras de idade, têm responsabilidades com a casa, os filhos, os maridos. Não podem ir pra casa umas das outras para trabalhar porque não têm tempo.

Uma delas contou que fazia também competição (tarefa); combinavam para ver quem fazia mais depressa um pedaço (alguns centímetros) de renda. Quem terminasse primeiro, ganhava alguma coisa (alfinetes de cabeça, etc.).

13. CONCLUSÃO

O artesanato da renda de bilros, tradicional, secular, é fato presente no Estado do Rio de Janeiro. Trazido pelos portugueses, e posteriormente por nordestinos, estabeleceu-se, criou raízes, teve sua época, seu apogeu.

Há quarenta ou cinquenta anos era atividade principal exercida pelas mulheres em Cabo Frio, em Campos, em Saquarema. Todas sabiam fazer rendas. Para aumentar a "renda" familiar, a mulher aprendia este ofício. Com o dinheiro conseguido, a rendeira "vestia-se": comprava roupas e sapatos para si.

Hoje, o artesanato das rendas, embora valorizado como fato cultural tradicional, tende ao desaparecimento. Ampliou-se o mercado de trabalho para a mulher com atividades muito mais compensadoras. O comércio, a indústria, o trabalho doméstico em casa de veranistas são algumas das atividades mais atraentes e lucrativas com que se deparam as mulheres residentes nas áreas levantadas. E, ainda mais, as rendas de bilros vêm sofrendo concorrência das rendas industrializadas, mais baratas e mais fáceis de serem adquiridas.

Com suas filhas trabalhando fora de casa, as mulheres rendeiras, agora mais idosas, gastam mais horas nas lides domésticas sobrando menor tempo para "trocar bilros", pois é nas "horas de folga" que elas executam essa arte.

Em alguns municípios, uma única mulher é a depositária dos seus segredos. É o caso de Conservatória: com a morte da última velha rendeira, haverá o desaparecimento da renda de bilro nesse local.

Como salvar, então, essa manifestação artística?

Cabe aos órgãos oficiais, ao governo federal, estadual e municipal a incumbência de preservar esse aspecto da memória nacional.

A ajuda às artesãs torna-se urgente e imprescindível a fim de que a arte da renda de bilro não desapareça no Estado do Rio de Janeiro. Cooperativas, feiras periódicas, amparo legal para elas, algo deve ser feito para suavizar e incentivar o trabalho dessas artistas do povo.

AS RENDEIRAS

Dados Biográficos

➤ **Alice Azevedo**

É natural de Campos, tem 74 anos e faz rendas desde os 8 anos de idade. Aprendeu a fazer renda numa almofada feita por ela mesma. É viúva, mora com o filho, nora e dez netos numa casa da Rua Quinze de Agosto, 138, em Goitacazes. Trabalha pouco, mais para se distrair, pois vive da pensão que o "velho"deixou. A pedido do neto mais velho, está ensinando a técnica a uma netinha de dez anos.

➤ **Aline Vasconcelos Guerra**

É de Saquarema e reside em São Gonçalo, "pra mais de trinta anos", na Rua Nova de Azevedo, 83. Tem 70 anos de idade, é casada com o senhor Antônio, tem duas filhas, uma professora e outra contadora. Dona Aline aprendeu a fazer renda em Saquarema com amigas. Reuniam-se, ela e as amigas, e trabalhavam por tarefa, para ver quem acabava primeiro. Hoje, as rendas que faz são para seu próprio consumo, trabalha pouco porque tem "problemas de coluna". Continua indo a Saquarema, mantendo amizade com uma "rendeira do seu tempo".

➤ **Amarina Ribeiro Chagas**

Viúva de 64 anos, natural de Campos, assim, como toda sua família, reside na Rua Teixeira Dias, 187, com dois filhos. Faz rendas porque gosta, pois além de "trocar bilros", costura, faz crochê e conservas de legumes. Faz rendas desde os 6 anos, aprendeu sozinha vendo a mãe e as irmãs trabalharem. Conta que nesse tempo era grande o número de rendeiras em Campos. Os maiores fãs das rendeiras são as crianças. Dona Amarina conta que ficam olhando-a fazer e pensam que é brincadeira, e se ela se distrai, lá estão os meninos brincando com os bilros. No dia de nossa visita à sua casa tivemos oportunidade de comprovar, realmente, as ficam fascinadas com a troca de bilros. As maiores sentem vontade de aprender. Notamos o interesse demonstrado por uma menina de mais ou menos 10 anos. Dona Amarina, também percebendo seu interesse, ofereceu-se para ensinar-lhe a técnica.

➤ **Antonieta Oliveira Pinto**

Natural de Laje do Muriaé, reside na Rua Garcia Pereira, 92. É casada e tem 60 anos. Dona Antonieta é professora de música e regente da Banda "Lira da Esperança". Aprendeu a fazer rendas com Emília Ligiere. Hoje, dedica-se somente à música.

➤ **Arciliana Gomes da Silva**

Dona Sissi, como é mais conhecida, tem 65 anos. Nasceu em Campos e reside na Estrada do Açú, s/nº, no bairro de Marrecas. É casada com seu Manoel, lavrador aposentado e tem duas filhas. Dona Sissi faz rendas desde os 10 anos. Tendo aprendido com sua mãe, ainda solteira ensinava a muitas moças. Suas filhas, porém, não quiseram aprender. Preferem costurar porque dá mais lucro, segundo elas. Uma professora do Grupo Escolar de Marrecas convidou-a para ensinar sua arte às meninas. Ela aceitou e, em breve, vai começar suas aulas. Enquanto isso, passa seus conhecimentos a uma neta de 15 anos que mora em sua casa.

➤ **Arlete Batista**

Tem 44 anos, é natural de Campos e reside na Rua Francisco Mota, s/nº, no Distrito de São Sebastião. Aprendeu a fazer renda sozinha: "aprendi com Deus, via o povo fazendo e comecei sozinha mesmo". É casada, tem uma filha de 14 anos que está aprendendo com ela. É "tiradeira de pique". Da região, outras rendeiras que não sabem tirar o pique recorrem a ela.

➤ **Benedita Araújo**

Dona Dita é viúva e, aos 78 anos, mora sozinha numa casinha na Estrada do Cupim, em Poço Gordo, Campos. Faz rendas para pessoas do lugar, que não tenham muita pressa. Aprendeu a fazer rendas com as irmãs mais velhas: eram quatro moças e todas trocavam bilros.

➤ **Carmelita Cardoso de Macedo**

Nascida e criada em Arraial do Cabo, mora na Praça da Independência, 19, Praia Grande. Tem 72 anos e é conhecida como *Bulhilhar*. Mora com um neto de 7 anos. Não trabalha mais porque "a vista não dá". Deu tudo para Nair, sua sobrinha, rendeira também. Tem uma filha que sabe fazer rendas, mas não gosta, prefere crochê. Aprendeu aos 12 anos e trabalhou até os 60 anos. Sua mãe, sua avó e as quatro irmãs também foram ou são rendeiras. Faz muito crochê para fora. Gostaria de fazer renda, pois tem muita saudade.

➤ **Castorina Barreto Rodrigues**

Tutuca, como é conhecida, nasceu em 9 de março de 1915, em Arraial Cabo. O pai era Manoel Rodrigues e a mãe Teodora Félix. Casada, tem cinco filhos. Suas três filhas não sabem fazer renda. Seu marido é pescador e vigia da Prefeitura. Os dois possuem uma quitanda e um pequeno restaurante ao lado da casinha onde moram, na Rua D. Pedro II, 23, Praia dos Anjos. Dona Castorina fica fazendo renda na quitanda, quando não há fregueses. Gordas, bem-humorada, expansiva, gosta de cantar fados, "cantigas de boi-de-reis", enquanto trabalha. Não vive do trabalho da renda. Filha, sobrinha e neta de rendeiras, aprendeu com elas. Já ensinou a diversas moradoras de Arraial. Fuma cachimbo. Faz dois piques num dia (meio metro).

➤ **Catarina de Souza Viana**

Nascida em Arraial do Cabo, em 16 de janeiro de 1909. Filha de Galiano Pedro de Souza e Donata Maria da Conceição, também rendeira. Seus pais, assim como ela, são naturais de Arraial do Cabo. Casada, seus filhos também já são todos casados. O marido era pescador, agora está aposentado. É um homem doente. Mora em casa modesta, na Rua Santos Dumont, 6, Praia dos Anjos. Aprendeu a fazer renda com outra rendeira do lugar. Apanhava muito, sofreu "o que os cachorros enjeitou". Aprendeu a trocar bilros sozinha, improvisava tudo, bilros e almofadas. Faz todo o serviço de casa sozinha, até carregou água. O marido é quem fazia os bilros para ela. Fuma cachimbo.

➤ **Cecília Penha Oliveira**

Dona Maria, como é conhecida, tem 66 anos e é viúva. O marido era lavrador. Mora sozinha numa casa de dois cômodos. Não se preocupa em ficar sozinha porque tem filhos que moram na mesma rua. É natural de Campos, reside na Rua Antônio Alvarenga, a rua do meio, no Parque Poço Gordo. Faz rendas desde os 7 anos, tendo aprendido com a mãe. Vive só das rendas, que faz por encomenda para uma intermediária, sua vizinha.

➤ **Celecina Leocádia de Andrade**

Tem 78 anos. Não lembra mais o dia em que nasceu. Filha de João Antônio Rodrigues e Maria Leocádia de Melo, também rendeira, naturais de Arraial do Cabo. O marido é falecido. Tem um casal de filhos, mas a filha não quis aprender a fazer rendas. Não sabe ler nem escrever. Vive com uma irmã, Maria Leocádia de Melo, 88 anos, também rendeira, mas muito idosa e doente para trabalhar. Dona Celecina vive com a pensão do marido, que era embarcação, e mais o "dinheirinho" da renda. Mora no Morro da Boa Vista, perto da praça principal, em Praia Grande. Faz rendas para dona Otília, quando esta não dá conta das encomendas que recebe. Vivem as duas irmãs sozinhas, ambas muito fraquinhas. Dona

Celecina faz todo o serviço da casa: cozinha, limpa e ainda cuida da irmã, que é doente. Costumava trabalhar cantando, tinha muito "gosto". Diz que, agora, "perdeu o seu juízo", não dá pra fazer nada, nem pra cantiga, nem pra verso.

➤ **Cesarina de Souza Mendonça**

Natural de Arraial do Cabo, tem 66 anos e mora sozinha, na Rua Pedro II, 17, Prainha. Viúva, o marido era pescador, não faz mais renda. Está doente, com problemas de coluna e coração, além de um problema sério na vista. Parou há uns cinco anos. Fez renda dos 8 anos aos 62 anos. Aprendeu "num instantinho", tinha muita vontade de aprender. Tem uma neta que sabe fazer renda, mas não faz porque estuda e trabalha na Prefeitura. Dona Cesarina costurava e passava roupa para fora também. Cantava e fumava cachimbo enquanto trabalhava. Hoje não tem mais nada. A almofada foi roubada, ela deu os bilros e doou os piques para a exposição.

➤ **Elza Francisca de Vasconcelos**

Conhecida como Elza do Zé Pequeno, apelido de seu pai, José Francisco, que era pescador. Sua mãe era Rosa Maria Cândida. Nasceu em 4 de fevereiro de 1920, é natural de Arraial do Cabo e mora na Rua Venceslau Braz, Praia Grande. O marido, funcionário da Álcalis, faz bilros para as rendeiras do local. Toca bandolim, é seresteiro. Não sabe ler nem escrever. Dona Elza aprendeu a fazer renda com a irmã, Emília, que ainda faz. Dona Elza fazia rendas, costurava, bordava. Hoje tem problema de coluna (bico de papagaio), e dificuldades para trabalhar. É do grupo da Emater-Rio. Fuma cachimbo.

➤ **Emília Francisca Teixeira**

É conhecida como Emília de D'Arcante, que era o apelido do pai. É irmã de Francisca, rendeira também. Nasceu em 12 de julho de 1911. Filha de Luís Correia Lima e Maria Francisca dos Remédios, nascidos e criados em Arraial do Cabo. É casada e mãe de seis filhos. As filhas sabem fazer renda, mas não gostam. Ensinou a uma neta de 7 anos, que já tem uma almofada pequena e já mexe com os bilros. Moram cinco pessoas na casa, na Rua Epiácio Pessoa, 27, no Entirinho. Dona Emília gosta de plantas, tem uma "mão muito boa para planta". O marido é pescador aposentado. Recebe pensão. Vivem dessa pensão mais o dinheiro da renda. Lava roupa para fora também. Trabalha muito e rápido. Diz que, se fizer firme, faz de 10 a 15 metros por mês. Tem um genro, Samuel, que faz bilros. Aprendeu aos 8 anos. A mãe fazia, além de renda, crochê, bordado, costura a máquina. A funcionária da Emater arranjou lugar para ela ensinar as moças do lugar, mas não apareceu quem quisesse aprender.

➤ **Emília Macedo Dutra**

Conhecida como Emília de Castro, nome do marido. Tem 66 anos. Mora na Rua Princesa Isabel, s/nº - Prainha, Arraial do Cabo. Parou porque não enxergava mais. Fez renda dos 12 aos 60 anos. Aprendeu com Dona Genésia, rendeira famosa na região. O marido, Castro, fazia bilros. Cantador de fados, toca banjo e viola no boi-de-reis. Faz redes de pescar.

➤ **Emília Rosa Moreira**

É conhecida como Emília de Zé Pequeno, apelido do pai, José Francisco de Carvalho Júnior, pescador. Sua mãe é Rosa Maria Cândida. É irmã de Elza, rendeira também. Nasceu em 17 de abril de 1913, em Arraial do Cabo, terra também de seu pai. Sua mãe era natural de Cabo Frio. Casada, tem três filhas. Nenhuma delas quis aprender a fazer renda. Costura para fora também. O marido é pescador aposentado da Companhia de Álcalis. Vivem da pensão e do dinheiro das costuras e das rendas. Moram sete pessoas na casa: ela, o marido, duas filhas, um genro, dois netos. Dona Emília sabe ler um pouco. Aprendeu a fazer renda com 12 anos, com uma moça do Arraial do Cabo. Tinha muita vontade. Ensinou a pessoas do lugar que não continuaram na arte. Cantava muito enquanto trabalhava. Fumava cachimbo.

➤ **Evangelina de Souza Pires**

Gigi, como é conhecida, tem 83 anos. Nasceu em 20 de novembro de 1894, em Santa Isabel do Rio Preto, Valença. Os pais eram José Floriano de Souza Pires e Algarida Teixeira Reis, fazendeiros. É viúva e tem três filhos. Mora na Rua Dr. Luís de Almeida Pinto, 111, Conservatória, distrito de Valença, com quatro pessoas: a filha, o genro, dois netos. Dona Gigi sabe ler e escrever. Aprendeu a fazer renda com uma prima de Santa Isabel, há 70 anos. Ensinou as irmãs e a filha, que sabe mas não tem tempo. Ganha algum dinheiro, mas não pode produzir muito porque sofre de reumatismo. É muito habilidosa, inteligente e organizada. Ela mesma fez sua almofada e seus bilros. Improvisa soluções muito originais. Parou de fazer renda por uns anos e recomeçou há onze anos.

➤ **Francelina Félix Tadeu**

Dona Taqui nasceu em 4 de fevereiro de 1919. Filha de Ovídio Félix Tadeu e Maria Rosa da Conceição, nascidos em Arraial do Cabo. É viúva e mãe de cinco filhos. As três filhas não quiseram aprender a fazer renda. Mora na Alameda Pio XII, Prainha, com uma filha e o genro. Ganha pouco com a renda. É sustentada pela filha, que é enfermeira. Recebe uma pensão de Cr\$ 800,00 como lavadeira. Não sabe ler nem escrever. Faz renda quase todos os dias, nas horas vagas. Faz todo o serviço da casa porque a filha trabalha fora. Quando moça, vendia sua

renda em Cabo Frio, pela praia a pé. Levava duas horas para ir e duas horas para voltar. Gosta de fumar cachimbo enquanto trabalha.

➤ **Francisca Ana da Silva**

Tem dois apelidos: *Chica* e *Francisca de D'Arcante*, apelido do seu pai. Nasceu em 21 de janeiro de 1917, filha de Luís Correia Lima e Maria Francisca dos Remédios. Irmã de Emília e Maria, também rendeiras, nascidas e criadas em Arraial do Cabo. Viúva, é mãe de oito filhos (cinco mulheres e três homens). O marido era pescador. Ela recebe uma pensão de Cr\$ 500,00. Os filhos ajudam. De renda, no momento, não ganha quase nada porque não está fazendo. Uma das filhas aprendeu, mas não tem prática porque é costureira. Moram sete pessoas na casa. Fica na Avenida Getúlio Vargas, 23, Praia Grande. Lê um pouco. Aprendeu a fazer renda aos 8 anos, com a mãe. Dona Francisca é a representante do "grupinho" que trabalha com o pessoal da Emater. Fala bem, é desembaraçada, inteligente. É escolhida sempre para falar pelo grupo. Atualmente não está fazendo renda porque não tem tempo, mas ganha uma comissão de 10% nas rendas das colegas que são vendidas por elas nas feiras onde o grupo expõe. Ela quase sempre vai às feiras para mostrar ao público como se faz renda e para vendê-las depois. Fuma cachimbo, fumo de rolo.

➤ **Irene Gomes**

Tem 58 anos, nasceu em 14 de novembro de 1919, em Arraial do Cabo. Filha de Laudelino Comes, pescador, e de Leopoldina Maria dos Remédios, ambos também de Arraial do Cabo. Tem uma irmã, Maria Danta, rendeira também. Mora na Rua Princesa Isabel, s/nº, Morro da Prainha. Viúva de um pescador, não recebe pensão dele. Recebe do INPS como costureira. Vivem na casa oito pessoas: ela, os filhos e netos. Não sabe ler nem escrever, aprendeu a fazer renda com 14 anos, sozinha, olhando. Ensinou muita gente, ganhava dinheiro com isso. Trabalhou muito para criar os filhos - além da renda, costurava, lavava roupa, apanhava lenha e água, fazia "marca". Parou de fazer renda há oito anos, quando o marido morreu. Recomeçou há uns cinco meses. Sofre da vista, já foi operada da coluna. Fuma cachimbo.

➤ **Irene Rodrigues**

É casada, tem dez filhos, cujas idades variam entre 5 e 25 anos. É natural de Campos. Mora numa travessa no final da Rua Morgado Azevedo, a rua do Grupo, em Saturnino Braga. Aprendeu a fazer rendas com uma senhora que a criou. Sua família era muito pobre e os meninos foram criados por pessoas conhecidas. Faz pouca renda porque não tem meios financeiros para a compra de linha, só aceitando encomendas quando a linha é fornecida para o trabalho, Dona Irene conta: "trabalho de dia pra comer; de noite... eu faço renda, faço marca, rezo o povo. Eu

me viro, até parteira eu sou, já amparei muita criança..." Moradora desde os 6 anos em Saturnino Braga - hoje tem 46, gosta de contar as coisas que já viu por lá: "... eu já vi um lobisomem de pertinho em noite de lua cheia no "sazeiro", aí eu falei pro meu marido: - Antônio, pega a faca. Aí ele, oh!... saiu correndo. Porque se desencanta lobisomem com a faca, furando ele, o sangue escorre, ele se molhando no sangue dele mesmo, desencanta".

➤ **Isaltina Nogueira de Souza**

Dona Xindinha tem 67 anos. É natural de Campos e reside na Rua José de Alvarenga, 52, em Goitacazes. É viúva, mora com duas filhas. Embora tenha aprendido a fazer renda aos 12 anos com a mãe, não ensinou às filhas. Estas fazem outros trabalhos manuais, como marca e crochê. Já fez diversas rendas com amostras do Norte do Brasil. Isto porque tem uma filha casada com um cearense e quando vão ao Norte, trazem amostras para ela. Trabalha só por encomenda, para pessoas conhecidas e para a família.

➤ **Jamira de Souza Gomes**

Natural de Campos, mora na Rua Antônio Alvarenga, a Rua do Meio, Parque Poço Gordo. É a mais nova das rendeiras, tem 36 anos. Casada, é mãe de oito filhos. Começou a fazer renda aos 8 anos, com a mãe. Já ensinou a duas de suas filhas, meninas de 13 e 15 anos, mas estas preferem o crochê, porque acham que não dá tanto trabalho quanto as rendas. Além de ser mais prático, pois "onde vão levam o crochê". Trabalha para uma intermediária, uma vizinha "que tem tempo e jeito para vender", porém acha que lucraria mais se ela mesma vendesse. Gostaria de pagar Instituto porque sente necessidade "no caso de doença", mas o que ganha com as rendas não dá para isso. Também trabalha pouco, "é sozinha pra tudo".

➤ **Joana Maria da Cunha**

Tem um apelido: *Gê*. Todos a chamam assim. Tem 78 anos, nasceu em Arraial do Cabo, em 29 de maio de 1902. É negra, tem olhos verdes. Filha de Juvenal Correia Pita e Maria Joana da Cunha. Viúva, o marido era negociante. Teve dez filhos. As três filhas aprenderam com ela a fazer renda. Ensinou a muita gente. Vive com uma filha e o genro, que é pescador. São nove pessoas na casa. Mora na Rua Santos Dumont, 2, Praia dos Anjos. Sabe ler e escrever. Faz crochê também. Quando moça, ela mesma saía com uma caixinha de rendas para vender em São Pedro da Aldeia e Cabo Frio. É ativa, diz que não "à toa". Todo dia faz renda; de manhã e à tarde. Gosta de cantar cantigas e versos antigos, sabe muitos. Tem uma neta que anotou tudo num caderno. Gosta muito de conversar. Trabalha rápido. Aprendeu aos 8 anos de idade. Fazia muita renda, não tinha pai, era só a mãe, "vendia tudo pra poder existir". É rendeira habilidosa, sua renda é muito bonita. É uma pessoa bem-

humorada e muito estimada pelos parentes. Referindo-se ao seu tempo de solteira, disse que "era, preta, pobre, mas foi muito bom..."

➤ **Leontina Rodrigues**

Tem 84 anos, é branca, viúva e tem quatro filhos. É natural de Arraial do Cabo, onde mora na Rua Francisco de Assis,96, Quebra-Quarto. Aprendeu aos 12 anos e trabalhou até os 80. Não faz mais, parou há três anos. As filhas e netas não sabem fazer renda. Aprendeu em menos de um ano. Fazia renda o dia todo. Ganhava para se vestir. Vendia em Arraial do Cabo. Não enxerga quase nada. Parou por causa disso. Lavava também roupa pra fora, Vendeu a almofada e os bilros. Tinha mais de 200 piques, botou fora alguns e deu outros. Cantava fados e fumava cachimbo. Tem tanta pena de não "botar mais renda", que até sonha com elas.

➤ **Luíza Vidigal Lulo**

Viúva, 68 anos. Mora com a filha, professora primária, na Rua Barão de Saquarema, 70, onde ela e seus pais nasceram. O marido era pescador. Aprendeu com a irmã mais velha aos 12 anos. Casou, teve filhos, parou com 30 anos. Ficou só com o serviço da casa. Sabe ler e escrever. Vendia pouco, fazia para o uso. Nunca ensinou a ninguém. Tem problema de vista, quase não enxerga, além de problema de coluna, de rins, de pressão alta. Não tem mais nada, foi perdendo tudo: material de trabalho, apetrechos, etc.

➤ **Marcolina Matos Figueiredo**

Dona Marcola, este é seu apelido, é viúva e tem 83 anos. É natural de Minas Gerais, mas reside há muitos anos em Porciúncula, "desde menina", na Rua Deputado Carlos Pinto Filho, 295. Desde criança faz rendas, tendo aprendido com uma irmã mais velha; esta aprendeu com uma ex-escrava de sua bisavó. Dona Marcola gosta de ensinar o que ela orgulhosamente chama de tradição de família: o fazer rendas, para que esta arte não acabe quando ela não mais viver. "Quando fiquei viúva, abri uma escola aqui em casa, ensinava à moçada toda daqui, mas ninguém queria nada não. Muitas daquele tempo sabem fazer renda, mas vivem de outras coisas, vê se agora alguém quer aprender; eu quero ensinar mas ninguém quer aprender". Tem dois filhos e vive de uma pequena mercearia que improvisou na sala de sua casa. As rendas são para distrair e presentear as netas e sobrinhas. Do interesse que causa o "trocar de bilros", conta que "os homens gostam de ver a gente fazer rendas. Uma vez veio um senhor aqui e ficou horas me olhando trabalhar, quando acabei dei a renda, uma renda larga pra ele". Mora com uma sobrinha também rendeira: Plautila.

➤ **Maria Amélia Soares Moreira**

Natural de Campos, onde reside na Rua Morgado Azevedo, s/nº, em Saturnino Braga, Dona Meméia, como é conhecida, aprendeu a fazer rendas sozinha. Em sua família só ela sabe. Só faz trabalhos grandes pra pessoas de Campos. As rendas são sua única fonte de lucro, mas diz que, mesmo que não as vendesse, faria mesmo assim, pois a renda distrai muito.

➤ **Maria Antonia Gomes**

Dona Neném tem 74 anos e é viúva. Mora sozinha numa casa da filha, na Rua São Jorge, 138, em Ponta da Cruz, Goitacazes. É natural de Campos, onde sempre viveu. Aprendeu a fazer rendas aos 8 anos numa almofada feita por ela mesma. Sua primeira renda ela chamou de "perna de sapo", porque era uma "cordinha fina e feia com três fios só de linha". Foi oferecida ao Espírito Santo e colocada em sua Bandeira. Acha que por isso nunca mais deixou de fazer rendas.

➤ **Maria do Carmo Chagas**

Dona Maria do Carmo, a Dona Mariquinha, tem 69 anos e é viúva. Natural de Campos, reside na Rua João Peçanha, s/nº, Farol de São Tomé. Filha, esposa e mãe de lavradores, aprendeu a fazer rendas com uma professora que "ensinava leitura". Não aprendeu a ler porque, quando chegava à escola, as aulas haviam terminado. Tinha doze irmãos menores e ela, sendo a mais velha, ficava em casa "tomando conta", enquanto os pais iam cortar cana. A professora, que fazia rendas, passou a lhe ensinar. Já fez muitas rendas, principalmente para batizados, e casamentos; hoje só faz por distração, só para as filhas e netas.

➤ **Maria Correia de Andrade**

Tem 70 anos. Fez rendas dos 15 aos 30 anos. Parou quando casou. Viúva, o marido era pescador. É conhecida como Lica de Tolentino Mora na Rua Ruy Barbosa, 5, Praia dos Anjos, Arraial do Cabo. Não tem mais o material para trabalhar. Tem problema sério de visão.

➤ **Maria Gabetto**

Dona Maria, ou Dona Mariquinha, reside na Rua Garcia Pereira, 180, Laje do Muriaé. Foi aluna de Dona Emília Ligiere. Abandonou as rendas por motivo de doenças.

➤ **Maria Laudelina Gomes**

É conhecida como Maria Danta, nome do marido. Nasceu em 22 de fevereiro de 1904, em Arraial do Cabo. Mora na Rua Pedro I, 23, Praia Grande. Vive sozinha. É viúva há 53 anos e mostra grande mágoa pela

perda do marido. Guarda luto por ele até na camisola de dormir. É conhecida como rendeira muito habilidosa. Aprendeu sozinha, aos 12 anos. Trabalhou até pouco tempo atrás, quando sofreu um derrame. Esteve em coma por nove dias. Sofre da coluna e dos rins. É irmã de Irene Gomes, rendeira também. A filha sabe fazer renda, mas só quer fazer crochê. Já ensinou a muita gente. Quer voltar a trabalhar. Vendia muito, quando moça. Ultimamente só fazia para dar de presente. Fumava cachimbo. Tem uma pensão do Funrural, como rendeira e lavadeira. Trabalhou muito para criar os filhos. Além dessas atividades, ainda socava milho, apanhava lenha. Ainda tem o material e é muito cuidadosa com ele. Guarda tudo numa caixa de madeira. Tem 8 dúzias de bilros e 40 piques. É muito estimada. Todos tomam sua bênção. É rezadeira, faz curas, faz as mulheres engravidarem, faz rezas para achar objetos perdidos. Faz também garrafadas.

➤ **Maria Magalhães Athayde**

Conhecida como *Nenzinha Athayde*. Mora na Rua Feliciano Sodré, 70, em Laje do Muriaé. Foi aluna de Emília Ligiere e é a única que conserva o bom gosto pelas rendas de bilros. Sua almofada está sempre armada com uma rendinha para a netinha ou amiga a quem ela queira presentear. Quando ainda moça e solteira, fazia muitas rendas, tendo feito aplicações para guarnições completas de cama e mesa. Quando casou, abandonou, só voltando às rendas depois de viúva e avó.

➤ **Maria Simas**

Natural de Arraial do Cabo, Lica de André, como é conhecida, reside na Rua Itajuru, 235, no Centro, em Cabo Frio. Tem 68 anos. É casada, está muito doente, assim como seu marido. Faz rendas desde os 9 anos, mas, hoje, só faz para uma moça da Prefeitura.

➤ **Melquíades Rios Bandeira**

Quiquide, como é conhecida, tem 60 anos. Nasceu em Saquarema, onde mora, na Rua Ricardo Barbosa, 48. Aprendeu a fazer rendas com 5 anos e trabalhou até os 35. Parou porque "ninguém dava mais valor, não pagavam o valor que merece". É professora aposentada. Ensinou muitas moças a fazer renda. As filhas não quiseram aprender. Para melhorar a renda da família, fiava, e ainda fia, tucum, fazia crochê, tricô, redes, bordados, salgava peixe. O marido foi pescador, hoje trabalha na Câmara, é juiz de paz. Cuida da Festa do Divino, é provedor. Quiquide vai tentar arranjar almofada e bilros para voltar a trabalhar.

➤ **Nadir Gomes da Silva**

Nascida em Saquarema, onde vive até hoje, na Rua Cel. Madureira. É solteira, tem 58 anos. O pai era farmacêutico. A mãe, as tias e a avó eram rendeiras. Tem amostras lindas, algumas com mais de cinquenta anos. Trabalha na Câmara, é oficial legislativo. Só faz rendas nas horas

vagas. Não sabe começar a renda, alguém tem que começar por ela. Não sabe tirar amostras, nem piques. Aprendeu com colegas, ela mesma fez a almofada. Gostava de ver, quis aprender. Nunca fez para vender, só para consumo próprio.

➤ **Nair Cardoso de Andrade**

Nasceu em 7 de fevereiro de 1913. Natural de Arraial do Cabo. Filha de Policenho Magem de Mendonça e Palmira Macedo, ambos de Arraial. Casada, mãe de oito filhos. Nenhuma filha faz renda. Moram quatro pessoas (ela, o marido, uma filha, a neta) na casa, que fica na Rua Martim Afonso, 56, Praia Grande. O marido negociava com peixe salgado. Não tem pensão. A renda da família vem do trabalho de Dona Nair, como rendeira e costureira. Ela costura mais do que faz renda. Tem três filhos empregados na Álcalis, mas nenhum ajuda. É filha, neta e bisneta de rendeiras. Pertence ao "grupinho" da Emater, é ela quem prega as rendas feitas pelas rendeiras colegas, em palas, blusas, camisolas, etc. Canta enquanto trabalha.

➤ **Otília Fernandes da Silva**

É conhecida como Tólia. Tem 65 anos, nasceu em 2 de setembro de 1912, em Arraial do Cabo. Filha de Antônio José Fernandes e Eugênia Joana. Casada, moram seis pessoas (ela, o marido, uma filha, um filho casado, nora e neto) na casa da Rua Campos Sales, 74, Praia Grande, Arraial do Cabo. O marido era pescador. É aposentado, mas ainda pesca. Dona Tólia não sabe ler nem escrever. Quanto à saúde, queixa-se de problemas de coluna e rins. É filha e irmã de rendeiras. Dona Tólia é tida por todos como a velha rendeira do lugar, sabe fazer rendas difíceis e "custosas" e sua renda é limpinha, sai "parecendo engomada". É inteligente, expressa-se bem e sabe se impor. Aprendeu sozinha a fazer renda, "ficava espiando e aprendendo". Pela "cabeça" dela mesma aprendeu a fazer crochê, crivo, marca (ponto de cruz) e bordado. Sua produção é grande e vende tudo o que faz. Vive com o dinheiro da renda. Trabalha à noite e à tarde. Gosta de cantar músicas antigas enquanto trabalha. É receptiva, ela mesma diz que recebe qualquer pessoa que a procure como rendeira. Fuma cachimbo enquanto trabalha.

➤ **Paulina Macedo**

Miúda tem 80 anos, nasceu em 11 de julho de 1898. Mora na Praça da Independência, Praia Grande, Arraial do Cabo. Professora primária, ensinou muita gente a ler. Não faz mais renda porque ficou cega de um olho. Fez rendas dos 16 aos 50 anos. Irmã de Dona Genésia, rendeira afamada da região. Tia de outra rendeira, Terezinha. A mãe fazia rendas também.

➤ **Plautila Maurício Pereira**

Tratada como Maninha, reside com a tia, Dona Marcola, rendeira, na Rua Deputado Carlos Pinto Filho, 295, em Porciúncula, Tem 50 anos, é solteira e natural de Minas Gerais. Muito nova foi morar em Porciúncula. Conta, com orgulho, ser tataraneta do Conde Maurício de Nassau. Aprendeu a fazer rendas com uma tia, a irmã que ensinou também a Dona Marcola. Já fez muitos trabalhos bonitos. Sua tia costuma dizer que a sobrinha trabalha melhor do que ela. Ultimamente tem se dedicado mais ao comércio - uma pequena mercearia que tem em casa. Usa a almofada da tia quando quer fazer alguma renda, sempre para dar de presente.

➤ **Possidônia Figueiredo Pessoa**

Tem 74 anos. Nasceu em 17 de maio de 1904. Filha de Antônio Alves Figueiredo, comprador de peixe, e Luzia, costureira. Mora na Rua Duque de Caxias, 52, Praia dos Anjos, Arraial do Cabo. É casada com Cicilo Barras Pessoa, poeta popular. Cicilo tem repertório vastíssimo, improvisa versos em festas, comemorações, datas importantes. Sabe de memória muitos versos de outros autores. Era pescador. O marido ajuda no serviço da casa para ela poder trabalhar. Faz renda durante o dia. Não sabe ler nem escrever. Nunca ensinou a ninguém. As filhas não quiseram aprender. Uma delas, Palmira, faz miniaturas de panelas, xícaras, bules, copos, de linha.

➤ **Terezinha dos Santos Pinto**

Tem 46 anos, nascida em 10 de dezembro de 1932. É filha de Genésia dos Santos Macedo, e de Bernardino Ferreira Pinto, naturais de Arraial do Cabo. Mora na Rua Campos Sales, 56, Praia Grande. Vive com o marido e seis filhos. Sua mãe, Dona Genésia, falecida há dez anos, é muito lembrada como grande rendeira, que tirava qualquer renda. Olhava para a renda e tirava o pique "de cabeça". Inventava modelos novos também. Sua renda não tinha nome. Suas filhas, no entanto, não quiseram aprender a fazer renda. Além das rendas, Dona Terezinha faz todo o serviço da casa.

➤ **Tomásia Ana dos Santos**

Fez rendas dos 15 aos 56 anos. Tem hoje 71 anos. Aprendeu com a irmã. Não faz mais por causa dos netos. Gosta muito, poderia voltar a trabalhar. Ensinou muita gente. Uma filha sabe fazer, mas prefere a costura, tem muita freguesia. Fazia muita renda, vendia com a irmã para o pessoal dos navios de guerra. Além das rendas, vendia doces. O marido é pescador e faz redes. Mora na Rua D. Pedro, 47, Praia Grande, Arraial do Cabo.

➤ **Yolanda Gabetto**

Como sua irmã, Maria Gabetto, foi aluna de Emília Ligiere. Conta-se que Dona Yolanda foi a maior rendeira de Laje do Muriaé. Sua colcha de casamento, conservada até hoje, é elogiada por todas as amigas. Abandonou as rendas porque prefere, atualmente, outros afazeres, como cuidar de sua casa. Reside na Rua Garcia Pereira, em Laje do Muriaé.

➤ **Zulmira Freitas Marins**

Viúva, tem 64 anos. Trabalha no Posto de Saúde e, quando sobra tempo, faz crochê, porque, segundo ela, "hoje em dia é o que mais dá." Mora na Rua Alferes Bastos, 121, Laje do Muriaé.

OS ARTESÃOS DE BILROS

Dados Biográficos

➤ **Adriano Dias da Cruz**

Tem 82 anos. Faz bilros, agulhas de rede e redes. Conserta redes de praia. Foi pescador dos 15 aos 70 anos. É aposentado e recebe pensão do INPS. Tem um olho fechado, é quase cego dele.

➤ **Antônio Alves de Vasconcelos**

Conhecido como Antônio de Boco, é aposentado da Álcalis, onde era estoquista de material. Faz bilros há muito tempo. É casado com uma rendeira, Elza de Zé Pequeno. Mora na Rua Venceslau Braz, fundos, Praia Grande.

➤ **Francisco Manuel Dutra**

Conhecido como Castro, tem 75 anos. Fazia bilros, não faz mais porque não pode apanhar madeira na restinga - a Álcalis não permite - e porque nos morros não há mais madeira. Cantador de fados, toca viola no boi-de-reis. Toca banjo também. Faz rede de pescar.

GLOSSÁRIO

- **Almofada** - *peça onde é feita a renda de bilros.*
- **Aplicação** - *rendas em forma de leque, coração, folha, flor para serem aplicadas no tecido.*
- **Assentar a renda** - *operação que inicia a feitura da renda. Abrange a colocação do pique, dos bilros e o processo inicial de fazer a renda.*
- **Bater bilros** - *o mesmo que trocar bilros.*
- **Bico** – *renda que é usada na beira do tecido. É feita a metro.*
- **Bilros** - *espécie de bobina, carretel ou fuso de madeira, que serve para enrolar a linha com que se vai fazer a renda.*
- **Bolso** - *lugar da almofada que serve para guardar tesoura, linhas, alfinetes, etc.*
- **Desencher** - *esvaziar a almofada, tirando o enchimento do forro.*
- **Encarne** - *parte do bilro em que é enrolada a linha. É um sulco, feito na extremidade do bilro.*
- **Encosto** – *alfinetão, espigão ou espeto que é espetado na almofada para segurar os bilros que não estão sendo usados.*
- **Engaço** - *talo da folha da bananeira.*
- **Enlear o bilro** - *encher o bilro com linha.*
- **Entremeio** - *renda que é usada entre dois pedaços de tecido.*
- **Estaca** - *o mesmo que encosto.*
- **Levantar a renda** - *despregar a renda do pique, enrolar e colocar no alto da almofada.*
- **Maço** - *cordão que enfeita a renda. Pode ser ou não da mesma cor.*
- **Pala** - *Peça de renda inteiriça que contorna o decote do vestido, blusa, camisolas.*
- **Picar o pique** - *furar o cartão de papelão que é o molde, o desenho da renda.*
- **Pique** - *cartão de papelão em que é picado, com alfinetes ou espinhos, o desenho da renda.*
- **Ponta** - *o mesmo que bico.*
- **Renda de almofada** - *renda feita a mão. Usam-se bilros na sua confecção.*
- **Renda de bilros** - *o mesmo que renda de almofada.*
- **Rodo de bico** - *renda que contorna as toalhas, colchas, centros de mesa, dando o acabamento à peça.*

- **Sarrar** - costurar os quadros (de renda que formam as toalhas, colchas, centros, etc.)
- **Sungador** - laçada que prende os bilros quando estes estão descansando.
- **Sungar a renda** - o mesmo que levantar a renda. Termo usado no município de Campos.
- **Sungar os bilros** - amarrar os bilros com uma laçada quando a renda chega no final do pique. Essa laçada fica suspensa no encosto.
- **Suspender a renda** - o mesmo que levantar a renda.
- **Tarefa** - espécie de disputa, competição entre rendeiras, para ver quem fazia a renda mais depressa. É um costume em desuso.
- **Tirar o pique** - o mesmo que picar o pique.
- **Trocar bilros** - movimentar os bilros para fazer os pontos da renda.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Rendas e rendeiras do Ceará*. In: Revista de Etnografia. Porto, Museu de Etnografia e História, 1964, volume II, janeiro, p.59-71.

BECKER, Nair Maria. *Rendas, manual de tecnologia*. Rio de Janeiro, Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial, 1955. 192 p.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Rendas de bilros, manifestações típicas do nosso artesanato*. In: Revista Esso. Rio de Janeiro, 27 (3), 1964.

DU BERRY, Margueriti. *A renda; História da renda em diversas épocas e diferentes países*. Rio de Janeiro, Garnier, 1907, 214 p.

FONTENELLE, Luiz Fernando Raposo. *Rendas e rendeiras do Arraial do Cabo; contribuição para o estudo sociológico da renda no Brasil*. Rio de Janeiro, Museu Nacional da Universidade do Brasil, 1954.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. *Rendas do Ceará; contribuição à nomenclatura e à classificação das rendas do Ceará*. In: Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro, 3 (6): 131-169, agosto 1963.

MUIÉ rendeira tem história antiga. In: Casa & Jardim. Rio de Janeiro, 128: 36-38, setembro, 1965.

NETTO, A. Seixas. *Folclore, rendas, rendas e rendeiras*. In: O Estado. Florianópolis, 7 de maio de 1970. OLIVEIRA, Mariléa C. Pereira. *As rendas*. In: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. Florianópolis, 11 (25/26): 69-86, janeiro, 1960.

RAMOS, Luiza; RAMOS Artur. *A renda de bilros e sua aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnografia, 1948.

SOARES, Doralécio. *Do artesanato e a sua proteção; rendas da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Empresa Gráfica Grajaú, 1957. 16 p.

VIEIRA FILHO, Domingos. *Pesquisa etnográfica sobre rendas e almofadas*. In: Revista do Maranhão, v.1, 1951.

1978

Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação e Cultura
Departamento de Cultura

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Divisão de Folclore

Instituto Estadual do Livro
Divisão Editorial
Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
(Rio de Janeiro).

Divisão de Folclore.

Rendeiras do Estado do Rio de Janeiro. Coordenação geral:
Cácia Frade. Rio de Janeiro. INEPAC. 1978.
II 37p. il. (Patrimônio cultural. Pesquisa)

Bibliografia.

1. Renda de bilros - Rio de Janeiro (estado). 2. Rendeiras – (estado), I. Frade, Cácia. II. Título. III.
Série: CDD 746. 22098153